

ASSIGNATURAS

CORTE. POR ANNO . . . . . 16\$000

PUBLICA-SE DIARIAMENTE COM EXCEÇÃO DOS DOMINGOS, E subscreve-se na rua Nova do Ouvidor n. 21.

RECEBERÁ ANUNCIOS AOS PREÇOS SEGUINTE: 60 rs. por linha para os repetidos, 80 rs. pelos avulsos e as publicações pelo que se convencionar.

ASSIGNATURAS

PROVINCIAIS. POR ANNO . . . . . 20\$000

EXTERIOR.

A ALLEMANHA.

II.

Na Austria, a revolução determinava a abdicação do imperador Fernando, e chamava ao throno o jovem Francisco José.

A Russia salvou a Austria para mais tarde receber condigna recompensa na phrase historica do principe de Schwarzenberg: a Austria espartará o mundo pela sua tirania.

Affugentado o perigo, erguerão-se os cadalalsos, cahirão as victimas da exaltação politica. As constituições foram revogadas ou restringidas. A reacção passou triumphante por toda a Alemanha.

A defecção parcial não prejudicou a causa da liberdade e da nacionalidade na Alemanha. Depois de 1849 contáram-se os flacões dos partidos, e conheceu-se que a prostração democratica seria transitoria.

Os ultimos vestigios de feudalismo foram cedendo ao desenvolvimento do influxo moral, não menos decisivo que a revolta, e o prestigio dos principios da moderna sociedade foi gradualmente estabelecido.

Restabelecida a ordem, e a realza amparada, entregou-se as intelligencias a varias evoluções. Mr. Von der Pfordten, ministro navarro, com velledades de graduar o seu paiz em potencia de primeira ordem.

O Duque do Saxo Coburgo Gotha reune e affaga os illuministas de todas as procedencias, que se dedicou a apostolar a unidade germanica. E' na sua capital que se congregam os prophetas do norte, do centro do sul.

Outro ditante da escola, o saxonês, ostenta-se ardente neophyto da m. do Manchester. Fréga o desarmamento; pronuncia-se contra os grandes exercitos como flagello da

bolsa publica; entende que as doutrinas podem tranquillamente ser discutidas e adoptadas, que o zollverein, ou liga das alfândegas, é assignalha digna de proscriptio; que a liberdade do commercio, da industria, da navegacao é sempre precursora da regeneração politica.

Os professores, os estudantes, os artistas sentiram-se pouco commovidos com estas paratrasas. Desejando a regeneração do paiz, contristados ante o chaos profundo de opiniões e de interesses, irritados com os preconceitos dynasticos que obstarão á fecundação da idéa, e convencidos da opportunidade de um choque poderoso, para tirar a nação da lethargia, chegaram a encerrar a contingencia de uma grande guerra europea como remedio heroico para os conflictos e as divisões da Alemanha.

O ensejo pareceu propicia em 1859. A Austria depois de fazer passar o Tessino ás suas legiões, achou-se a braços com os soldados francezes. A animosidade dos allemães contra Napoleão, o receio de ver occupar a margem esquerda do Rheno, chegaram ao zenith. Os clamores, as agitações repercutirão ao longo do Reno, do Elba e do Oder.

Ainda uma vez os austríacos encontráram nos campos de Magenta e de Solferino outra prova da superioridade das armas gaulicas, e a necessidade de curvar a cerviz á lei do vencedor, abandonando a Lombardia, e a Italia, á excepção da nosga além do Mincio.

Fechado o templo de Jano, a cisão entre a Prussia e a Austria torna-se mais acerba. Guilherme I succede a seu irmão, annuenciando disposições assás liberaes sustentando o barão de Schleichnitz no gabinete, e mettendo uma formula na camara dos senhores, verdadeira cidadella da reacção, onde a instituida peregrinação do imposto predial, isto é, o proposito de sujeitar os bens dos nobres á lei commum do fisco, encontrava obstinada resistencia.

O novo rei exhibiu tenelencias allo-belligerans, falla em augmento de exercito, em attitudde respeitavel; mas os factos não tardam em indicar que pertilha da indole do seu antecessor, que entretom a dieta de Frankfurt com a questão do commando das forças federadas; que fluctua entre oppositos arbitrios; e que nunca apresenta uma rasgada inicialiva.

O imperador da Austria com o thesouro vasio e a Hungria recalcitrante, é forçado a recorrer aos principios constitucionales para impedir o desconjuntamento dos seus estados. A carta patente do 20 de Outubro amplia as attribuições do conselho do imperio, quasi equiparado a uma assembléa legislativa.

Uma concessão sempre arrasta outra, quando a má vontade e o susto dominão o outhorgante.

O que Francisco José pudera fazer de um facto, lançando-se resolutamente nos braços dos liberaes, só o verifica a 21 de Fevereiro do corrente anno, apertado pelas difficuldades da situação, pelas exigencias da classe média, pela sinistra catadura dos magyares.

Desta vez não ha equivoque. Mr. de Schmerling é chamado ao ponto culminante. Uma constituição normal e legitima é promulgada. E commuldo, por moftina do imperio, enquanto os liberaes austríacos applaudem o codigo unitario, tendente a solidificar a monarchia, os hungaros, os croatas, os venezianos recusão cl-ger representantés; engolirão a dadiua do throno; e pugão pela sua autonomia, favorecidos em Vienna pelos reacconarios, e nos conselhos da Europa pelos que sustentão a conven-

niente de proteger as nacionalidades oprimidas.

Se dirigimos a attenção para os estados secundarios, o que vònos? No Wurttemberg, o Nestor dos monarchas europaus, dotado da sympathica bonhomia tão grata aos costumes nacionaes; mas vergado pela decrepitude dos 80 annos nos conselhos de uma nobreza incorrigivel, sempre aborta no passado. O rei de Hannover, conde-nado pela cegueira prematura a guiar-se por uma camarilla retrograda, e applaudindo o ministro Borries, quando ameaça a opposição com a intervenção estrangeira.

Na Baviera um soberano debutante não consegue apagar a reminiscencia dos escandalos da celebre dançarina, que no reinado anterior provocou seliões e motins. Mais além divisa-se a triste e austera figura do rei de Saxonia, acabanhado por desgraças domesticas, sem vontade, sem força para representar papel no drama contemporaneo.

Que ha mais? Principes peritos no arranjo de uniformes militares, nos pormenores de uma caçada, nas contumelias de uma audientia, nos regulos de um banquete. Ninguém falado para dar relevo ao voto popular, ninguém proprio para deixar nome na historia.

O proprio rei Guilherme da Prussia, tão invocado pela jovem Germania, logo que se sentou no throno, como corresponde ás aspirações, ás impaciencias dos compatriotas? Firmou, é certo, as esperanças dos prussianos, amigos da regra-lia liberdade, dando ao codigo fundamental plena e fiel execução. Mas, por inextinguivel contra-senso, occupou-se com minucias foudas acerca da coroação que deve ter lugar em Koenigsberg; e foi mister furtar celouma jornalista para que se presenciasse das bagatellas, ante as quaes já arregalava os olhos o orthodoxo partido da cruz.

Depois do attentado, a duqueza de Oldemburgo felicita S. M. por escapar á balas do assassino; e espera que esse crime isolado em nada lha de alterar a firme resolução de manter as prerogativas liberaes, seguro meio de desenvolver a prosperidade da Prussia. O rei Guilherme responde com effusão que agradece a fiel interpretação dos seus sentimentos; e que se conservará inviolavel no alffuro ás reformas vigentes.

Commuldo, passados dias, ouvida a felicitação da municipalidade de Berlin, S. M. observa, que bom será ter presente o ultimo attentado, agora que estão proximas as eleições para a camara dos deputados, affim de que os discólos não consigão entregar mandatos a revolucionarios, a agitadores sem escrupulos.

S. M. segue uma formula sublimemente germanica, tendente a justificar as suas oscillações. A' testa de uma politica liberal não pôde permittir o triumpho da revolução; protector nato dos interesses conservadores, sabe detor-se nos justos limites, deixando de favorecer o absolutismo. A tradução vulgar pôde ser esta: uma no cravo outra na ferradura, nada decisivo sobre o pensamento cardenal.

Nestes dias tem vogaço um boato destinado a produzir completa modificação no estado da Alemanha. Propõe-se a immi-nencia de uma alliança offensiva entre a Russia, a Austria e a Prussia. O principe de Gortschakoff, implacavel inimigo de Vienna, é apaeado; e Balabine, Libanoff ou Budberg são os preconizados successores. Os absolutistas, os ultramontanos batem as palmas, e sandão a restorção da santa alliança, e desandamento completo dos progressos destes ultimos annos.

Duvidamos da veracidade da noticia. No é tão facil, como algum pensa, mesmo na Russia, desenterrar-se do representante da politica eminentemente nacional para entregar o governo a amigos da Austria, destituda pelo exercito, clero, nobreza e povo moscovita, depois da hondonia ingratião, posterior á campanha da Crimea. Pô-lo ser preciso auxilio estranho na Polonia ou na Hungria. Nunca haverá cordial harmonia entre potencias com imprensa e tribuna

livros e um paiz sem independencia e divisão de poderes politicos. As conquistas moraes não se perdem de effluza; os progressos da civilização não se obliterão com um traço de penna. A Grã-Bretanha, a França, e a Italia, tres grandes potencias que comportão os elementos da futura regeneração social, são mais do que sufficientes, não diromos para neutralisar, sim para impedir a galvanisação do pensamento de Metternich.

Em definitiva, para dar á Alemanha a situação competente na Europa, para eleva-la a cathedra preponderante que os seus recursos, o seu territorio e a sua população reclamão, não se carece de um homem extraordinario, de um genio superior que assumo o coevo e a posteridade. Se Frederico II vivesse em 1858 ou em 1859 talvez completasse a unidade germanica no espaço de poucos mezes. Se um rei como Carlos Alberto, ou como Victor Manoel, simplesmente corajoso, audaz, desembaraçado surgisse em qualquer throno germanico, pôde afoitamente vaticinar-se, que o verbo incarnaria e que o problema acharia resolução. Enquanto a Allomanha ostentar por simbolo uma aguiã com duas cabeças não ha contar com vida robusta e dilatada. E preciso que uma dollra seja decapada; e não crómos que a tarefa fique muito tempo por cumprir, á mingoa do braço afoito ás armas, e de coração votado á patria.

(Jornal do Commercio de Lisboa)

A QUESTÃO IBERICA.

RESPOSTA AO VOLHETO DO SR. GULLON.

II.

Segundo o escriptor hespanhol, não ha em Portugal os elementos que constituem a nacionalidade de um povo. O Sr. Gullon estabeleceu para seu uso uma theoria arbitraria das nacionalidades, e logo infere que não tem os portuguezes nenhum dos caracteres das verdadeiras nações. Para que haja nação é mister, segundo o Sr. Gullon, que um povo tenha historia, que tenha litteratura propria, que tenha fronteiras naturaes. Ora, o Sr. Gullon provou, como vimos já, que a nossa historia não era a de um povo independente.

Segundo elle, Portugal, como nação livre é apenas uma etapa colonial y marítima; uma jornada brillante en el comercio y en la navegacion. Esse pouco! Se vós nos concedeis que sejamos na idade moderna os grandes iniciadores da civilização colonial, se nos concedeis uma collaboração principal e energica em todas as grandes empresas que derão a feição propria ao mundo moderno, como é que nos negaes depois a historia?

Nego-vos a historia, dirá o Sr. Gullon, porque não ha nos vossos fastos nacionaes ni una guerra de religion ó de raza; ni un grupo filosofico y artistico que sintetice una época.

Com que não é possível haver nação, onde não tenha havido uma guerra de raza e de religião, nem um grupo artistico e philosophico. Mas reparei, Sr. Gullon, em que as mesmas guerras de raza e de religião que vós investes em Hespanha, as tivemos nós aqui em Portugal. Guerra de raza e de religião foi a que lutamos com os sarracenos, e nessa peleja de tantos setculos vós sabeis que não fomos nós menos ardentes que os vossos compatriotas, nem menos apressados de que elles em livrar o nosso territorio dos nossos e vossos invasores.

Quereis porventura dizer que não tivemos, como a França, como a Alemanha, como a Inglaterra, como todo o norte da Europa as nossas luctas civis dentro da igreja christã, e que nunca o pensamento philosophico veiu reptar as tradições catholicas para lançar na terra portugueza as sementes do protestantismo? Por esta puerza de fé, nos accusaes de pouca vitalidade nacional? Então não sois vós também nação. Sabeis melhor do que nós que a vossa terrivel inquisição não deixou que se ac-

matassem na peninsula as heresias philosophicas da Europa septentrional, e que o vosso arcebispo Cavanza e os que como elle se inspirarão nas liberdades do Luthero, expiáram nos carceres de Sevilha e nos autos de fé do Santo Officio as suas tentativas de emancipação intellectual.

A Hespanha, á qual ninguém negou já mais os fóros de uma grande, posto que decadente nacionalidade, não teve nunca pensamento philosophico, nem se illustrou pela sua larga participação nas empresas auzades, que revolucionarão a creença, o espirito e as formulas sociaes. Hespanha e Portugal tiveram sempre grãos semelhantes de illustração espirital. Relegadas no ultimo occidente da Europa, os grandes successos da idade média resumirão-se para as duas nações peninsulares na luta de independencia e reconquista do territorio nacional.

Nem Portugal, nem Hespanha numerão genios na philosophia ou na ciencia. As suas glorias são mais litterarias do que scientificas. Enquanto o resto da Europa lid o berço a Newton, e a Copernico, a Laplace, e a Linneus, a Bacon e Descartes, a Hespanha gloria-se do nome do Carvantes, Portugal com os loiros de Gil Vicente e de Camões. Enquanto ao resto da Europa cabe na empresa da civilização moderna o pensamento philosophico, a nós pertencem a acção heroica, que dilata os horizontes geographicos, enquanto as demais nações alargão as perspectivas da razão.

Enquanto outras fundão as ciencias modernas pela especulação, nós ajudamos a edificar-nos pelos descobrimentos e pelas conquistas. Não nos colloquemos nós peninsulares abaixo dos povos melhor aquinhoados em pensamento philosophico. Abrir os novos caminhos do commercio, estender os domínios da geographia, e acabar empresas nem sonhadas pela antiguidade, val ham o descobrimento de algumas verdades theoreticas; revolucionar o mundo pela navegacao e pelo sistema colonial val bem a gloria de o haver revolucionado na creença com Luthero, na ciencia com Newton, na philosophia com Descartes. Negar a Portugal a nacionalidade, pela ausencia do pensamento philosophico seria o mesmo que negar á França o direito de entrar no congresso das nações porque não foram os seus navegadores os que passarão primeiro o cabo da Boa Esperança, ou pisarão antes de nenhum o territorio da China e do Japão. Cada nação tem o seu officio no trabalho civilizador. Só não é nação o povo que presenciar, inerte, os esforços dos outros, e limitou a sua actividade á copia servil e degradante das empresas e das obras das outras nações.

Mas Portugal, redargue o Sr. Gullon, não é, não pôde ser nação, porque adquireu su autonomia figurando separadamente a dita de uma princeza castellana, es decir, en humillacion ridicula que nunca podrá tenerse por el origen historico de una nacion.

Portugal não é nação porque a monarchia portugueza foi o dote de uma princeza de Castella. E' humillante que uma provincia conquiste a sua independencia, negando sujeição á sua metropole. Ninguém pôde negar que a monarchia castellana, não a hespanhola, precedeu a de Portugal. Fomos ao principio hespanhóes, como todos nós já fomos romanos, como já fomos godos. Mas o pequeno territorio portuguezo insurgiu-se contra a nação, de que fazia parte, e della afinal se desmembrou. Houve humilhação nesta origem, diz o Sr. Gullon. Não pôde haver nação com uma origem tão ridicula. Conquistou-se a Hespanha para que espiessem a vergonha de havermos sido por sete seculos o dote de uma princeza castellana, tornado independente pela nossa antiga rebellião.

Orgulhosos e nobilissimos é esta humilhação. Supponhamos que foi uma dotação feudal a que deu origem á nossa monarchia. Para que do dote de D. Theresa se levantasse a monarchia de D. Manuel, que de esforços de heroicidade não teve o mundo que admira na raza de Portugal? Se houve humilhação em que Portugal se originasse

de um dote, os hespanhóes sabem com que bizzarria expiáram por mais de uma vez a humilhação do nosso berço.

Quando as lanças de Alfonso Henriques negarão o preito a Castella, foi a primeira vez. Quando os populares do seculo XIV cerrarão suas fileiras contra Castella envolva do mestre de Aviz, foi a segunda vez. Quando os portuguezes do seculo XVII quebrarão as cadeias de Philippe, foi a terceira, mas não a última vez.

Foi um dote a origem da nossa nacionalidade! Mas vós sabeis que o dote era pequeno. Os sarracenos do então não deixavam que Alfonso VI fosse demasiado prodigo no dote de suas filhas. Recebemos em dote o privilegio de expulsar os moiros ou de sermos supplantados por elles. Não entrava no dote Lisboa, que tomarão as nossas armadas, nem o Algarve, d'onde depois repellidos as ultimas reliquias do poder mussulmano em Portugal. Não entrava no dote as ilhas que descobrimos e povoámos. Não erão do dote as praças que aos moiros ganhámos na Barberia. Não recebemos no dote as empresas do infante D. Henrique, nem o roteiro das Indias, nem Goa, nem Ormuz.

A nossa maior gloria nacional está exactamente na mesquinhez do nosso berço. Do pequenos e obscuros nos levantámos a grandes e poderosos. Em vez do humilhante confessoal que foi para nós honrosa a limitação das nossas fronteiras primitivas. Roma não mereceria ter sido nação, segundo a singular doutrina do Sr. Gullon. Um imperio que nasce de uma cidade, e de cidade que se levantou de uma aldeia, não podia ter sido nunca saudado como o supremo dominador das gentes e como a gloria mais esplendida que a historia registrou.

Segundo o Sr. Gullon, ha origens licitas e illicitas, berços humilhantes e gloriosos para as nações. Muitas das nações que hoje figurão no mundo, com indistincta nacionalidade, começaram por foudos, com sujeição a um suzerano. A Prussia não pôde ser nação, segundo a theoria do Sr. Gullon. O Piemonte não tem direito a ser hoje o nucleo em redor do qual se incorpora e se engrandece o esperancoso reino italiano. A Hespanha mesmo teve uma origem humilde. O reino das Asturias não foi, segundo o original escriptor hespanhol, principio bastante nobre para a monarchia colossal de Carlos V.

Parece-nos que o Sr. Gullon rebaixa o valor e a dignidade das nações, regulando a sua fidelidade pelo padrão com que se mede a nobreza das familias, o fazendo da nacionalidade dos povos uma questão de genealogia. Os povos, como os individuos, podem nascer de humildes principios e deslumbrar o mundo pela fama das suas acções.

Mas ainda ha, segundo o Sr. Gullon, um outro argumento invencivel contra a nossa nacionalidade. E' que não possuímos tambem litteratura nacional, nem caracter militar. « La gloria de Camoens imarcescible e universal, no constituyó por si sola una literatura, » exclama o Sr. Gullon. « Otros nombres tan aislados aunque menos brillantes, que se destacan sobre el tronó de entre los ejercitos portuguezes, no forman tampoco serie ni conjunto nacional, como no bastarian a crear en España un caracter militar y una historia literaria, la espada del Cid, ni el mismo renombre de Cervantes, si no figurasen precedidos y acompañados por la numerosa y envidiada hueste en que se agrupan nuestros guerreros, y escriptores de todos los tiempos. »

Camões só não é uma litteratura. Um outro nome celebre nos factos militares não pôde caracterisar-nos como nação militar. Em primeiro lugar, é preciso assentar o principio de que um povo pôde ter um poderoso espirito de nacionalidade e occupar na historia litteraria um lugar humilde ou obscuro.

A Roma republicana, a Roma das victorias, não teve durante seculos que comparar aos modelos litterarios da Grecia, mais do que a radaza dos seus costumes e as barbaras tentativas de uma litteratura nacional. Roma não teve nunca litteratura.

FOLHETIM DO CORREIO DA TARDE.

DESFORRA DE BACCARAT

PELO

VISCONDE PONSON DU TERRAIL.

Continuação da HERANÇA MYSTERIOSA, do Sr. DOS VALETES DE COPAS e DAS PROEZAS DE ROCAMBOLE.

(VIDE O N. 192.)

XV.

Conceição, que se havia levantado para conter Zampa o o obrigar a fallar, cahiu de novo aniquillada em cima do sofá.

Ella viera a esse baile com o luto n'alma, mas com o coração e os olhos voltados para o futuro, e cheia de esperança.

Dello in sahir, atormentada por vagas apprehensões, por indefiniveis terrores.

Por um momento vio-se preza de uma especie de vertiginosa febre, e a si mesmo perguntou se não se achava em algum terrivel sonho.

A lembrança desso forçado que acabava de narrar-lhe a sua historia mysteriosa e tocante, as palavras nebulosas da condessa Artoff, a singular narração de Zampa, tudo isso borborinhava e se confundia em sua cabeça e lhe occasionava mil visões.

Felizmente para ella, a marquezeta D. Josefa chegou.

A respeitosa viuva havia procurado sua protegida através do baile, de sala em sala, de alameda em alameda no jardim.

— Ah! disse ella, avistando Conceição ainda pallida e tremula, onde estaveis, minha filha?

— Procurava-vos, minha tia, respondeu a jovem.

— Eu tambem...

— Então, disse ella esforçando se por sorrir, ambas procuravamos mal.

— Meu Deus? disse D. Josepha de repente, como estais pallida!

— Tive um grande susto...

— E porque?

— Um convidado do Sr. alcaide achou graça em disfarçar-se em forçado.

— Ah! vi-o, disse a viuva. Era muito original, na verdade. E fez-vos medo?

— Sim, chegando-se bruscamente a mim no jardim, onde eu passeava só.

E Conceição, graças a esta pequena mentira, desembaraçou-se das perguntas da velha marquezeta.

As duas senhoras despedirão-se do alcaide e retiráram-se.

Conceição deixou ficar a velha em seu palacio e dirigio-se para casa; e, como a Duqueza havia muito tempo que estava deitada, dirigio-se logo para seu aposento, onde sua creada a esperava para despi-la.

Yendo entrar sua ama, a camareira pegou em um volumoso rolo de papel que estava sobre o fogão.

— O que é isso? perguntou a jovem um pouco surpresa

— Não sei, é para Mlle.

— Quem trouxe?

— Um desconhecido.

— Quanto?

— Hontem de noite, no momento em que Mlle acabava de sahir para o baile. Esse homem, que parecia ser um creado, disse que era absolutamente necessario que Mlle lesse estes papeis.

— Não acompanhava nenhuma carta?

— Nenhuma.

— Está bem. Despe-me.

Conceição deitou-se, depois mandou chegar para a cama um vellador em que ardia uma vella, despedio a creada e principiou a ler.

Era um volumoso manuscrito em francez com o seguinte titulo:

Historia do Conde Armando de Kergaz,

de seu irmão Sir Williams e do discipulo deste ultimo, Rocambolo.

— Que pôde ser isto? murmurou a jovem, que nunca tinha ouvido fallar nos dous ultimos e apenas conhecia de nome o primeiro.

Na primeira pagina, um pedaço de papel estava pregado com uma obreira.

Esse papel continha as seguintes linhas traçadas a lapis com uma letra desconhecida.

Conceição lêo:

« Quando Mlle de Sallandrera receber este manuscrito, estará de volta do baile onde terá sabido muitas cousas. Ella é « com instancia rogada, — em nome dos « mais graves e mais sagrados interesses, « a ler estas paginas. »

— Vejamos, disse Conceição suppondo que ia ler a historia do forçado mysterioso que havia encontrado.

E principiou a ler o manuscrito.

Era um resumo dos factos que o leitor acompanhou principiando pela morte do co-

ronel de Kergaz, pai de Armando; acabando

pelo supplicio infligido por Baccarat a Sir Williams, a bordo do Fowler, haviam cinco annos.

A Condessa Artoff não havia dito uma palavra da reaparição de Rocambolo, e o resto do bandido pertia-se no dia de sua partida para a Inglaterra.

A's dez horas da manhã, Conceição não havia ainda fechado os olhos. Interessada pela narração dessa commovente historia, fóra até o fim, e soavão dez horas, quando terminava ella a leitura do manuscrito.

Mas, quando terminou, a jovem, que não conhecia de toda aquella gente senão a Condessa Artoff, disse consigo:

— Que pôde isto ter de commum comigo?

Mlle de Sallandrera não podia suspeitar que o brilhante marquez de Chamery, o homem que ella amava apaixonadamente e que ia tornar-se seu esposo, tinha sido esse abominavel malvado que começara em Bougival, na tasca da viuva Fipart, sua aventureira car' ira, cerca de doze annos antes.

Os esplendores do genio litterario brillão na decadencia do imperio, e mais com reflexos emprestados do que como raios espontaneos de uma inspiração verdadeira nacional. E não foi Roma uma nação poderosa, uma nação moralmente forte pelo vigoroso espirito dos seus cidadãos, que preferiu mil vezes a morte a que fosse deslustrado n'um apice amagastado do povo rei? Qual é a litteratura nacional dos canhões helveticos? e deu por ventura algum povo exemplos mais heroicos de amor pela sua alpestrada independencia e de devoção fanatica não pelo seu torrão, mas pela sua penedia natal!

Teve o sul da França uma litteratura opulenta, original, a primeira das litteraturas neo-latinas, a todos os povos cultos emprestou os seus modelos. E que é feito do povo da Aquitania? Que é feito do condado de Tolosa? Que é feito da monarchia do rei Renato? Tudo se incorporou e desapareceu na grande nação franceza.

O que era Alienae, quando recebia nas suas academias e nos seus porticos os filhos do patrio romano, que vinham beber nas fontes mais puras da antiguidade classica a educação que os havia de illustrar no fóro e no senado? Era a escrava a quem o vencedor reconhecia ainda a primazia intellectual, quando lhe negava as liberdades do mais obscuro cidadão da cidade eterna.

A litteratura é um elemento e uma feição da nacionalidade. A litteratura é a voz collectiva de um povo, a expressão poetizada do seu pensamento nacional. A litteratura retrata uma nação, mas não basta para a constituir.

Mas não temos nós os portuguezes uma litteratura? Somos de todo o ponto indignos de figurar n'uma historia do pensamento moderno? Tendes Camões — nos responderá o Sr. Gullon. Esse bastava. Mas quiz a Providencia que mais nomes tivéssemos de casa, e em abundancia, para citar. Ha tres nomes na historia litteraria portugueza que valem bem os nomes litterarios da Hespanha, e que podem aspirar sem audacia ás honras da originalidade.

Vasco de Lobera como *Amadis de Gaula*, que vos pretendeis incorporar na vossa historia litteraria. Gil Vicente, a que vos não podeis negar a gloria de haver sido o verdadeiro fundador do theatro peninsular. Camões, que menos original do que os dous, dilatou mais que nenhum a fama do seu nome, por ser talvez o primeiro que soube resuscitar entre os modernos a epopéa, e fazer ecoar a tuba heroica de Homero por todas as vastissimas regiões, em que se andou assignalando e immortalizando por mil victorias o nome honrado de Portugal. Que se compare com os tres escriptores portuguezes, não têm os hespanhezes mais do que Corvantes: os fecundos continuadores do drama hespanhol, os Calderon, os Lope de Vega, os Lope de Rueda, os Nharro ficão muito abaixo do immortal soldado de Lepato.

Não podemos negar que a nossa litteratura é em grande parte imitativa e calcada sobre moldes desentranhados da poesia classica. Mas o que é também na sua immensa maioria a litteratura hespanhola? Descantae os romances, a feição original das letras castelhanas, o theatro nos seus tempos de esplendor, e a novella de D. Quixote: que vos fica depois que moreça o nome de litteratura propriamente nacional? E' já bom testemunho de nacionalidade rigorosa que um povo apresente alguns monumentos da sua originalidade poetica.

As litteraturas tendem a confundir-se pela mescla das nações, pela semelhança dos costumes, pela frequencia do trato reciproco, e pela igualdade dos principios geraes que dominão todos os povos que pertencem á mesma civilização.

Porque os hespanhezes não escreveram ha um seculo uma só lingua cujo molde lhe não venha de além dos Pyreneos, porque a sua lingua é o francez com desinencias castelhanas, porque o seu idioma o a sua poesia é um gallicismo universal, segne-se dali que a Hespanha se incorpore á França, e se realize nos nossos dias o sonho de Luiz XIV?

Não ha nomes militares em Portugal. Paradoxal! Se vós não lançaissem em rosto a pobreza das nossas artes; se não dissesseis que pelos vossos pintores poucos nomes vos podemos contrapor, não haveria de que offender-se o nosso orgulho nacional. Se não dissesseis que não contribuímos nunca poderosamente para o engrandecimento industrial, bom estaria a modestia da nossa resposta.

Mas negar-nos a nós a honra militar, a nós, que vol-a temos demonstrado, em paz o dignamos agora, e sem intenção de resuscitar velhos odios! Negae-nos o pinel do vosso Murillo, negae-nos o cinzel não vosso, que o não tendes também, negae-nos o tear de Arkwright, o engenho de Watt, o parafusos de Franklin, o apparelho de Daguerre

Se ella não podia suspeitar nenhuma correlação entre Rocambolo e o Marquez de Chamery, também não a podia achar entre o forçado e um personagem qualquer dessa historia que acabava de ler.

— Tudo isto por-me-lia louca, disse ella.

E, para distrahir o seu pensamento de todos esses crimes, de todos esses sombrios dramas, levantou-se, abriu as suas venezianas e, encostando-se ao balaustra da janella, passou o seu olhar pelo horizonte do mar.

O mar estava calmo; no horizonte, uma vela branca destacava-se do céu azul; as larangeiras que bordavam as praias vizinhas embalsamavam o ar.

Conceição sentiu então o seu espirito, o seu coração, as suas recordações reportarem-se ao passado.

Pensou naquella que amava e principiou a calcular pelos dedos o numero de dias que haviam decorrido depois da partida de sua ultima carta.

— Alberto deve ter recebido quarta-

o oxigenio de Lavoisier. Negae-nos tudo o que vós não tendes também, que bem commun nos é a nós todos peninsulares a pobreza do invenção nos dominios da sciencia. Mas não nos negueis o que a historia está ali para reivindicar em nosso favor.

Ha tres cousas que nos não podem arrebatrar as mais iniquas apreciações historicas. A lira, a espada e o baixel. Como nautas confessais vós mesmos a nossa gloria. Como poetas, tendes Camões, tendes Gil Vicente, tendes D. Francisco Manoel de Mello, que das sobras do seu talento vos emprestaram todos ainda com que enriquecer em idioma castelhano os vossos fastos litterarios. Como soldados respondei por nós a historia da civilização europea nestes ultimos tres seculos.

D. Nuno Alvares Pereira não é inferior a Góngora de Cordova; D. João de Castro ao duque de Alba; D. Sancho Manoel a D. João da Austria. A nossa maior gloria militar é ter-vos vencido a vós, que havieis vencido a propria França. E vós sabeis quanto é preciso para sahir honrosamente da luta, quando os adversarios são da vossa nobilissima extracção.

Vejamos agora em outro artigo se, como vós dizeis, não ha superioridade moral da parte dos portuguezes sobre os seus vizinhos hespanhoos.

(Jornal do Commercio, de Lisboa.)

## VARIÉDADE.

### SARANAZ

#### LEGENDA

A HENRIQUE DU BUIT

POR CHARLES ARBECK.

I.

São a corneta no fundo dos bosques; a caça corre nos valles profundos e apertados, sobre os verdes prados, que atravessa um regato rumorante; sobre as collinas, que deixão ver lhe os descarnados ossos, e os pardacentos rochedos juntos ás vastas florestas de pinheiros, sob os quaes estendo-se um tapete avermelhado de folhas seccas. Os valles e regos se cruzão, as montanhas juntão-se ás montanhas, as florestas se succedem, o o barulho da caça que galopa faz lagir as aves de rapina, unicórnios habitantes destes paizes selvagens.

Um gamo vem beber em uma fonte; e depois, de repente, ergue a cabeça espantado. Corvã-se-lhe as penas, e de um salto o animal foge com medo. Para qualquer lado que o homem se volte, nenhuma casa, nenhum homem. Tudo é selvagem, abandonado, tudo é silencio. De dia, só a caça do Marquez de Hautpignon perturba a calma da paisagem; á noite o diabo, quem poderia duvida-lo?.. os camponezos o vião, vem lugubramente perseguir as almas, que volteião sobre as moitas da floresta.

O veado é posto em aperto, o *halali* são, e os caçadores regressão aos castellos. Os cães fatigados e arrastando a lingua, caminhão para junto de seus creados. Esses bons senhores de Hautpignon, de la Crenelée, de Flaqueville, com o chicote na mão e empavados em lindos vestidos de um vermelho brillante, seguem mademoiselle de Hautpignon, cuja cabeça some-se de abaixo de oito ou nove folhos de rendas. Ao lado della pavoneia-se a Viscondessa de Flaqueville agitando sua marquezinha côr de rosa.

A viscondessa de Flaqueville é uma loura, que não diz cousa alguma, porque nada tem a dizer; mademoiselle Hautpignon é uma triquetinha de olhos vivos, que se cala, porque convem calar-se, ou antes, conversar com mademoiselle de Flaqueville.

Os senhores á cavallo, alguns passos atrás, fallão gravemente do general Lanoricier.

Os cães estão mudos!

— Sr. conde de la Crenelée! — diz mademoiselle de Hautpignon.

Um manco de barbas immensas, de bigodes retorcidos, picou o cavallo e em um segundo achou-se junto daquelle que o chamava.

— O que quereis, linda marqueza? — diz elle.

— Conde, respondeu ella, tinheis-me prometido distrações e eu... aborço-me! horrivelmente!

E um bocejo, mal dissimulado por uma pequena mão bem enluvada, contrahio-lhe o lindo rosto.

— Não comprehendes acaso, mademoiselle, as bellezas deste paiz montanhoso? Estes picos que despedaçam a nuvem, estas florestas cheias de silencio e de sombra, estes verdes valles esmaltados de mil flores sem cessar renascetes, tudo isto não vos encanta? Não ouvis o suave canto

feira de manhã; disse consigo; estamos em sexta-feira, terei hoje sem duvida a sua cara missiva.

E pensando naquella que amava, a joven deixou errar um olhar sobre o mar, e esse olhar seguia a vela branca que se destacava da linha extrema do horizonte. Era a mezena de um grande escaler que bordejando demana lava a praia.

A embarcação era tão feiceira em seus movimentos, desliza-se tão esbelta e tão ligeira pelo cume das vagas, que sua manobra acabou por captivar Conceição ao ponto de tomar um oculo.

Mas apenas a joven o applicou ao escaler, sentiu uma viva emoção.

O escaler era o do commandante do porto, e, graças ao seu oculo, Mlle de Sallandrea acabava de distinguir as camisolas encarnadas dos forçados que o montavam.

O escaler avançava para terra em pequenos bordos.

O mar, que tinha uma grande profundidade sob os proprios muros da villa, era,

dos passafos, o murmúrio das cascatas e os gemidos das cornetas queixosas?

— Sim, sim, — interrompeu a marqueza, — e vossos vestidos vermelhos, que esvoação por cima de vossos corseios fogosos, e vossas barbas louras, que se agitam ao capricho do vento da tarde... Eu vejo, sinto, ouço tudo isto, e longe de ser levada á melancolia, ao amor, estou triste e dormiria de bom grado.

— Deus meu! como é commun esta mulher, — pensou a viscondessa de Flaqueville; — ella compromette sua origem.

— O que posso eu fazer para agradar-vos?... Vós me desesperaes! — diz o conde.

Separarão-se; o Sr. conde de la Crenelée dirigio-se para seu castello e o resto da sociedade seguiu para Hautpignon, dous antigos mosteiros empulperados em altos e rochedos, cercados de pinheiros bravos. Quatro velhas paredes vacillantes, eis um, tres torrinhas rachadas, eis o outro. Com as ameias cahidas destes castellos feudaes alguns miseraveis camponezes edificarão suas pobres cabanas. Nos arredores, nem cidade, nem aldeia. Os dous mosteiros, á uma legua de distancia um do outro, ornão por si só o valle, e seus vasallos sujos e tristes são os unicos habitantes deste lugubre logar.

O seculo XIII quem te reconheceria nestas solidões, nestes desertos!

Hautpignon não tem capella; la Crenelée tem uma meio arruinada. O capellão é um abade velho, de familia nobre e antiga. Sua ignorancia o fez retirar-se á este canhão obscuro, onde ao menos tem, — é uma consolação para si, — a felicidade de habitar o castello e administrar os bens da condessa viuva de la Crenelée, pobre idiota de 92 annos.

O abade que de muito bom grado far-se-hia chamar o Sr. prior, é o confidente do conde de la Crenelée durante os seis mezes do anno, que este ultimo passa em suas terras para economisar o dinheiro das loucuras do proximo inverno. Pobre Rodolpho! ser o ultimo botão do ultimo rebento do ultimo galho do ultimo ramo da grande familia dos famosos sires da Crenelée, e não ter mais que alguns bilhetes de accões do campinho de ferro!

Tendo voltado da caça o conde juntou e mandou chamar seu capellão na pessoa do Sr. abade de Trefflebar.

— Abade, — diz elle, — vedes o homem mais embaraçado da França e de Navarra.

— Como, Sr. conde? — respondeu o abade limpando seus oculos com seu lenço de seda, e applicando-os ao nariz; depois de haver chegado alguns cabellos sobre as rugas de sua fronte.

— Como? ouvi! Amo mademoiselle de Hautpignon.

O abade levantou os braços para o céu.

— Ella me não ama e não quer desposar-me, e seu pai não deixar-lhe a liberdade de escolher seu esposo.

Os braços cahem.

— E' preciso que ella me ame!

Movimento simultaneo nos braços e nas pernas.

— Vós me interrompeis á cada momento, e os vossos movimentos.

Immobildade completa.

— Sim, estou locamente apaixonado pela linda Mlle de Hautpignon. Não recuarei diante de sacrificio algum para ser por ella amado. Mas é ella que me foge. O que devo fazer? Abade, abade, dae-me um conselho.

O abade estava mais vermelho que um carafão. Elle ficou seus oculos.

— Um conselho... eu... Sr. Con... penso... é muito grave. Mademoiselle de Hautpignon... é uma mulher... o Sr. de Hautpignon... é um homem... E' muito grave... E' o pobre vigário do Deus... *abrupto*... não posso... é muito grave... meu filho... Sr. Conde... E' meu parecer...

— Socega, caro abade, bem sabeis que mademoiselle não tem poesia alguma... mas emfim seduziu-me. Comprehendeis isto?

Encastecimento dos oculos do abade, elles desceem até o meio do nariz, o que obriga-o a tira-los, á limpa-los com seu lenço de seda e á torna-los de novo á pôr.

— Ah! eu não lhe agrade, — continuou o conde, porém ella agrade-me. Também feito mais de vinte declarações: nem parece ouvir-me. « No dia em que me converterdes, tem-me ella respondido, veremos. » Tenho tentado todos os meios para triumphar della. Estou no fim e o diabo me carrega...

— Parae, Sr. Conde exclamou o abade, não falleis delle!

— De quem?

— Delle, daquelle que acabas de nomear! não sabeis que elle frequenta estas montanhas, estes valles, e que á alguns passos do castello é o logar mal lito, onde apparece aos seus amigos?

— Ah! abade, tudo isso é bruxaria. Tanto o creio que me daria á elle para des-

a viute brancas da costa, atravessado por uma larga corrente que, do alto mar, vinha por assim dizer beijar os pés do terrazo, em que se achava Conceição, para ir dali, descrevendo uma caprichosa curva, enfraquecer e perder-se na barra.

A joven, com o seu oculo na mão, não tardou a ver a ligeira embarcação entrar na corrente.

Então as velas foram ferradas e os marinheiros de camisola encarnada, curvando-se sobre os seus romos remarão com vigor.

Conceição sentiu forte palpitação de coação, collocou de novo o oculo sobre o parapeito do terrazo e quiz afastar-se.

Mas reteve-a uma força invencível e mysteriosa. Seu olhar, que ella procurava desviar, fitava-se sobre a embarcação com uma especie de febril obstinação.

O escaler continuava a avançar.

Então, dominada por um inexplicavel sentimento, Mlle. de Sallandrea tomou de novo o seu oculo.

Ella pôde então distinguir as pessoas que tripulavão o escaler. De pé, na popa,

posar Maria, para ser amado por ella como a amo.

— Sr. Conde, pela vida do Todo-Poderoso, cuja voz permitir-me-heis fazer aqui ouvir, nesta grave conjunctura existe o espirito maligno, e sem a protecção do céu que allustará de vós mademoiselle de Hautpignon, — essa serpente tentadora, — elle infestará este castello. Não o vedeis, como nos tempos passados, procurar seduzir-vos debaixo da forma d'uma mulher? E' necessario pintar-vos essa mulher?

— Por favor, abade, ides achar-lhe chifres e rabo, Ora, eu desejava que mademoiselle de Hautpignon fosse o diabo, eu me daria á ella: ella já tomou-me a alma. Um conselho, abade, um conselho, é disso que se trata.

— Fugi do paiz, Sr. conde, fugi de Satanaz!

— E de suas pompas, não é?

O abade persignou-se e retirou-se. Estava á ponto de ter uma apoplexia.

O Sr. de la Crenelée estava realmente apaixonado, e assim sentia-se levado á poesia, ao mysticismo. Considerou pela vidraça a paisagem accidentada, mysteriosa, cheia de graça, que se estendia diante delle, e que o primeiro quarto da lua illuminava pittorescamente. Pensou em mademoiselle de Hautpignon e repetidos suspiros escaparão-lhe do peito opprimido.

— O que fazer? pensou elle, o que fazer? Magicos e feiticieiras do passado, porque não existis mais? Onde estão vossos philtros, vossos talismans!

Pareceu-lhe que corrião no valle sombras indecisas. Elle estremeceu á seu pezar.

— Ah! se Satanaz quizesse tomar minha alma enfiada e dar-me amor de Maria!...

Rodolpho era um espirito aventureiro; tornou a chamar o abade.

— Abade, lhe diz elle, como se evoca Satanaz?

— Sr. Conde! infeliz! responde-lhe o nedio homem cahindo do joelhos.

— Cuidado, abade, ides quebrar vossos oculos.

Rodolpho sahio do castello e caminhou para o campo. Agitado por mil pensamentos de amor interrompeu-se na floresta. Depois de meia hora de caminho achou-se em uma clareira; um littériso fofo de pardoento illuminado pela lua, erguia-se a cima d'uma pequena lagôa, onde as arvores circunvizinhas roçavão a extremidade de seus ramos. O crescente da lua cortado sinistramente pelas pontas dos pinheiros desaparecia por montinhos. O silencio era quebrado de tempos á tempos pelo coacchar de alguma rã melancolica. Rodolpho sentio-lhe bator o coração. Sentado em um tronco de arvore, pensou em seu amor infeliz.

— Satanaz ou Deus, — murmurou elle, — vinde em meu socorro!

Apenas este pensamento atravessou-lhe o espirito, duas sombras negras sahirão das profundezas da floresta. Dous canos de espingarda, reluzindo ao clarão da lua, abaxarão-se para elle.

— Um passo mais e estaes morto! Quem sois! — disserão-lhe.

— Que vos importa?

— Em nome da lei, respondei!

— Em nome da lei, retorquiu Rodolpho, em nome da lei, eu sou o conde de la Crenelée.

— Ah! perdão, Sr. conde; somos vossos guardas, que velamos os ladrões de caça e os genardemes. Esses miseraveis quasi espancáo a mulher de João Yveroux porque bem os tinha visto com seus lagos.

O conde regressou tristemente ao castello; mil idéas phantasticas surgião-lhe no cerebro. Chamou seus creados e famulos da herdade e entregou á cada um, um archote.

— A' salas d'armas? exclamou elle.

Em um raio abandonado do castello estendia-se uma dessas grandes salas, onde se erguem armaduras de todas as formas, immoveis ao longo das paredes cobertas de tapecerias desbotadas, nas quaes personagens singularmente vestidos perseguem nas paisagens ás mais impossiveis os mais singulares animaes. Um pó secular dissimula um pouco os sombrios rostos dos senhores do castello. O vento entra pelas vastas chaminés guarnecidas ainda de seus cães gigantescos, e fuge assustado tristemente pelas janellas mal juntas. Os raios caprichosos da lua cahem sobre largas espadas, sobre algas de dentes de serra, que apparecem no meio d'essas sombras.

O conde passou silenciosamente por entre seus creados que tremião de medo. Procurava comprehender essas épocas tão differentes, e era com difficuldade que elle conseguia ler os nomes e altos feitos de seus poderosos avós, cujos rostos austeros parecião-lhe dos mais desagradaveis. Foi obrigado a confessar que o presente lhe parecia mais que o passado.

A criadagem espantada mal podia sustentar os archotes. Os pobres homens so-

achava-se um homem de uniforme que Conceição reconheceu immediatamente.

Era o capitão Pedro C...

O commandante do Porto voltava sem duvida do alguma excursão matutina exigida pelo seu serviço.

A par delle havia um forçado que mandava a manobra.

Conceição o reconheceu, — era elle!

Pela segunda vez quiz afastar-se, e, pela segunda vez também, foi retida por esse poder atractivo, por essa fascinação que lhe fóra impossivel romper.

O escaler não estava a mais de duzentas branças da villa.

Então Conceição, que não tinha mais necessidade de seu oculo, vio o capitão Pedro C... fazer um signal.

A esse signal o forçado orlemou uma mudança na manobra, o escaler rompeu a corrente e veio amarrar em um anel de ferro que havia no muro da villa. Pallida e tremula, Conceição vio o capitão Pedro C... saltar no primeiro degrão da escada, e, enquanto seus companheiros de colecta la-

vavão seus romos, o forçado ir sentar-se sobre a canna do leme.

Mas, executando esse movimento de retirada, o manco erguera os olhos e vira Conceição.

Esse olhar, que transpunha o espaço, esse olhar timido e suave, chegára até ella e acabara de lançar a perturbação em seu espirito.

— Mlle, disse o capitão Pedro C... pondo o pé sobre o terrazo, avistei-vos quando voltava de minha excursão de todas as manhãs, e não pude resistir ao desejo de apresentar-vos as minhas homenagens.

Conceição agradeceu o cumprimento, deixou-se beijar na mão e não desviou o olhar do pobre forçado que não ousara cortear-a. Felizmente para ella, a Duquesa, sua mãe, que se havia levantado, appareceu no terrazo e foi cumprimentar o capitão Pedro C...

Este demorou-se alguns minutos na villa, fallou sobre o baile da vespera, e não disse palavra a respeito do forçado.

Mlle. de Sallandrea o acompanhou ad-

conchegava-nos aos outros. Quando chegou á extremidade da galeria, o cômodo combinava na frente de volta convulsivamente á chave que rangou na fechadura. Uma porta abriu-se com fracasso e deixou ver um cavalleiro armado dos pés a cabeça e todo de negro.

A porta ao abrir-se tinha apagado a mór parte das luzes, tinha derribado o primeiro creado, que derribara os outros; um clarão duvidoso illuminava sinistramente esta confusão.

Erão um armario de fechadura de molas e um manequim vestido; foi difficil ao conde fazer levantar seus vassallos.

— Emfim, era uma linda época, — diz elle consigo, — a vida se manifestava larga e bella. Sabia-se como se podia conquistar a dama de seus pensamentos, e agora... o que fazer?... á menos que não seja fazer-se soldado do povo!...

Messire Rodolpho estava como um louco. Mandou sellar um cavallo e tres quartos d'hora depois estava junto do castello de Hautpignon. Uma luz brillava ainda na torrinha da esquerda.

— E' o quarto della! — diz o Conde consigo. O seculo dos trovadores! por que passaste, porque não posso eu cantar do romance, balada, rondó, queixumes, ou...?

Depois de alguns momentos de reflexão, convenceu-se elle que, não podendo chamar ou cantar, sob pena de despertar á todos, só lhe restava retirar-se.

De subito ocorreu-lhe uma idéa. E porque não poderei assim, — diz elle consigo, — agradecer talvez á esta mulher, á quem nada pôde se-lhe fazer? Tanto fez com os pés e com as mãos agarrando-se ás saliencias da parede que chegou até á janella de sua bella. Bateu na vidraça com a mais viva anciedade. A Marqueza appareceu e estava quasi a soltar um grito de susto, quando conheceu o Conde.

Ella abriu a janella sorrindo e estendeu a mão ao pobre apaixonado.

— Entrae, — diz-lhe, — estou só.

O tom da marqueza era tão calmo, tão simples, tão amoroso, que o conde, desesperado, não sabia mais o que dissesse, nem o que fizesse. Ella contemplava com dó seus vestidos branquejados pelo gesso, seus bigodes destorcidos, suas calças rotas. A condessa ao vel-o não pôde deixar de sorrir.

— Ah! meu pobre Conde, e excessivamente romantico o que acabas de fazer, mas realmente não estaes assim seductor.

— Marqueza, — respondeu Rodolpho, eu vos amo, tende piedade de mim! amai-me!

— Na verdade isto não me é possível. Não posso dizer-vos que me desagradeis; mentis; mas não vos amo.

— Mas por que me fizo amais?

— Devo eu amar-vos por que vos apraz amar-me? Não, não vejo em vós o caracter que descejava ver no homem, que hei-de amar. Não me conheceis bem, conde. Certamente sou de boa nobreza, ao que parece, mas tenho gostos extravagantes amo a actividade, o trabalho, a ordem: não amo vossa insipidez, vossa tristeza, vossa poesia de máo gosto. Neste campos que vos agrada por que são tristes e desabitados, — vede que caracter é o meu, eu desejava a vida e o movimento. Em logar de vossos castellos, velhas possilgas, que cahem em ruina, desejava casas limpas, confortaveis, em uma pequena cidade cheia de actividade e de trabalho. Antes quizeria habitar uma fabrica do que Hautpignon. Em vez da pobreza e ignorancia, que alligam vossos filhos, vassallos, eu desejava ver ante o felicidade para trabalhadores intelligentes. Senhores, em logar de serdes proprietarios de uma aldeia de fabricantes, sede soberanos, pelo merecimento, de uma tribu de artistas.

Ora, é loucura minha fallar-vos assim. Mãe, pai e vós nada podem, elle, por convicção e por indifferença; vós, porque amaris bem depressa uma mulher que não será tão caprichosa.

— Marqueza...

— Adeos, meu caro Conde muito obrigada pela vossa boa visita. Tome de novo o caminho que escolhestes, e o caminho dos meninos de escola. Quem sabe se por elle não conseguireis o vosso fim com outra mulher? — Desculpae-me-heis se não vos conduzo. — Ide, não somos feitos um para o outro.

O conde tomou-lhe a mão e beijou-a.

Adeos, pobre apaixonado, perdoe-vos esta ultima locutura, não perdoarei outra!

(Continua.)

## ESPELHO.

### Camara dos Srs. senadores.

Não houve hoje sessão, por falta de numero legal.

A ordem do dia para a sessão seguinte consta de:

vavão seus romos, o forçado ir sentar-se sobre a canna do leme.

Mas, executando esse movimento de retirada, o manco erguera os olhos e vira Conceição.

Esse olhar, que transpunha o espaço, esse olhar timido e suave, chegára até ella e acabara de lançar a perturbação em seu espirito.

— Mlle, disse o capitão Pedro C... pondo o pé sobre o terrazo, avistei-vos quando voltava de minha excursão de todas as manhãs, e não pude resistir ao desejo de apresentar-vos as minhas homenagens.

Conceição agradeceu o cumprimento, deixou-se beijar na mão e não desviou o olhar do pobre forçado que não ousara cortear-a. Felizmente para ella, a Duquesa, sua mãe, que se havia levantado, appareceu no terrazo e foi cumprimentar o capitão Pedro C...

Este demorou-se alguns minutos na villa, fallou sobre o baile da vespera, e não disse palavra a respeito do forçado.

Mlle. de Sallandrea o acompanhou ad-

1.º discussão do projecto do senado, de-larando de festa nacional o dia 12 de Outubro;

3.º discussão da indicação, que authorisa a meza do senado a reformar a secretaria, archivo e bibliotheca;

2.º discussão do projecto do senado authorisando o governo a mandar matricular no 1.º anno da faculdade de direito do Recife, o estudante Manoel Pedro Cardozo Vieira, dispensando doze dias da idade, que lhe faltão;

1.º discussão da resolução, que manda vigorar o orçamento de 1861 a 1862, estando presente o Sr. ministro da fazenda.

1.º discussão da resolução, que manda vigorar o orçamento de 1861 a 1862, estando presente o Sr. ministro da fazenda.

Camara dos Srs. deputados.

Depois da camara resolver, a requerimento do Sr. Silva Nunes, que tanto a sessão de hoje como e d'amanhã se empregassem exclusivamente na discussão do orçamento, continuou a discussão addida do orçamento da receita geral do imperio, o qual foi approvedo, depois de votado o encerramento proposto pelo Sr.

provavel da receita do Estado, parecia-lhe não haver imprudencia da parte da camara, se votar o additivo que se discute, embora elle importe um augmento do despeza.

A discussão hoje esteve interessante, o Sr. Zacarias, que qualificou a medida de surpresa parlamentar, mostrou estar bem preparado para ella, e esgotou todos os recursos de sua intelligencia para prejudicá-la, como sendo um absurdo financeiro.

Mas os Srs. ministro da justiça, e da fazenda, empenhando-se no debate com o talento da tribuna e a sua reconhecida illustração, collocarão a questão nos seus devidos termos, e demonstrarão que as qualificações do Sr. Zacarias não são bem cabidas, nem producentes as razões apresentadas por elle, e reproduzidas por outros oradores.

Os nobres ministros deixáram por claridade a fraqueza das razões apresentadas, para justificar o adiamento até o anno seguinte da authorisação ao governo, para elevar os vencimentos dos magistrados.

A discussão continuará amanhã.

### NOTICIAS E AVISOS DIVERSOS

Recebemos noticias de Campos e d'Angra dos Reis, que alcançao no 1º do corrente.

Fôra addida a eleição de eleitores que deverá haver em Angra dos Reis.

Constava do municipio de Mangaratiba, que o cidadão Chrispiano Carlos da Silva promovia nesse municipio uma subscrição para a festividade de Nossa Senhora da Guia, que teria lugar a 8 do corrente.

Houverá um insignificante incendio em Angra dos Reis.

Começa depois d'amanhã, e continuará até o dia 15 do corrente, em uma das salas do museu Nacional, a exposição dos productos naturaes e relativos á industria, usos e costumes do Ceará, colligidos pelo Sr. Dr. Ferreira Lagos nas suas excursões por essa provincia, como membro da commissão scientifica.

Foi nomeado official maior graduado da secretaria do conselho supremo militar, o Sr. tenente coronel honorario, João Alves Xavier de Mello.

A estrada de ferro do Cantagallo reudefe, durante o mez passado:

Passageiros . . .	3.964.000
Animaes . . . . .	215.700
Bagagens . . . . .	380.500
Cargas . . . . .	12.680.400
Encomendas . . . .	961.156

A sociedade Amante da Instrução reunese hoje, no salão da Phil'Entorpe, em sessão geral.

Suas Magostas Imporias estarão presentes.

Forão nomeados:

Jeronymo Baptista Pereira para o cargo de subdelegado da freguezia de Santa Rita, de Campos;

Filippe Gomes Ribeiro para 2º substituto do subdelegado da freguezia da Assumpção de Cr. do Frio;

A professora D. Maria Angelica Mondos Goulart, para reger a escola do 2º classe da villa de S. Fidelis;

O engenheiro-ajudante Francisco Pereira Passos, para chefe do districto das obras publicas.

Noticia o *Monitor Provincial* de hoje: « Segundo nos communicou, no dia 23 do passado, ás 8 horas da manhã, foi assassinado com uma facada, em sua propria casa, no lugar Bananeiras, termo da villa de Copivary, Cozar Celestino da Matta, de 22 annos de idade, por Laurentino Antunes Moreira, que logrou evadir-se. »

O Instituto Historico celebra amanhã a sua 8ª sessão.

No dia 7 do corrente S. M. o Imperador baixou a imperial capella para assistir ao *Te-Deum*, e depois dessa solemniidade digna-se o mesmo augusto senhor dar beijão no paço da cidade.

Lê-se no *Commercio*, do Porto:

« Depois de edificar e entregar á ordem do S. Domingos o mosteiro da Batalha, enriqueceu o rei D. João I o seu templo de ornamentos preciosos, magnificas alfaias de prata, a saber:

« Vinto e oito calices de prata sobre-dourados.

« Quatorze pares de galletas.

« Cinco calderinhas com seus hysopes.

« Oito thuribulos com es respectivas navetas.

« Novo cruzes meões para servirem nos altares.

« Quatro cruzes grandes, tres para processões, e uma de pé para o altar mór.

« Seis grandes tocheiras, duas dellas douradas.

« Sete lampadas de grande corpo e peso.

« Uma lanterna.

« Cinco caixas de hostias.

« Cinco portapazes.

« Dous gurnis com seus pratos grandes.

« Duas campainhas.

« Deu, além disto, quinze imagens de trez palmos tallha cima, e entre ellas a da Senhora da Batalha, que sendo toda de prata como as mais, o corpo, e as roupas são douradas.

« Os ornamentos, com que enriqueceu a sacristia, se hoje se fizessem, só elles importariam em mais de um milhão, segundo afirma Fr. Agostinho de Santa Maria no *Santuário Marianno*, donde extrahimos esta curiosa noticia.

« Erão os ricos onze, todos de finissimos brocados, com capas, frontaes, pannos de pulpito, estantes, tudo guarnecido de sanefas, e sabastos bordados de ouro, e de imagens, obra custosissima.

« Além destes havia trinta e dous ornamentos de varias sedas ricas e custosas, e com ricas guarnições, e sobre isto uma grande quantidade de casulas de telas, veludos, e outras sedas ricas.

« Havia, de mais a mais, quatro ornamentos muito notaveis, uns cobertos de escamas de prata de martelo, tão justas que se não divisava a seda em que estavam assentadas; e outros cobertos de ouro tão pesados, que não havia quem os podesse levantar, quanto mais vestir.

« E salvar-se-hia da deprecação de 1834 no menos a Senhora da Batalha, orago tutellar daquella real casa? »

« A Russia possui 242 embarcações á vapor, sendo á helice 9 navios, 13 fragatas, 22 corvetas, 12 transportes, de rotas 9 fragatas, 79 lanchas canhoneiras, 24 corvetas, e outros muitos navios de menor porte.

« Possui, além disto, 71 vasos de vela.

« Em resumo, a Russia tem 313 navios armados com 3.851 canhões, sem contar 474 barcos de ordem inferior. »

### ORDEN DO DIA.

Quartel general do commando superior da guarda nacional da corte, em 5 de Setembro de 1861.

### ORDEN DO DIA - N. 105.

Sendo-me, communicado por avisos da secretaria d'estado dos negocios da justiça, datados de 2 do corrente mez, que S. M. o Imperador houve por bem, por decretos de 31 de Agosto proximo passado, nomear ao Sr. José João da Cunha Telles, para o posto de tenente-coronel do 2º batalhão de caçadores, e conceder a reforma no posto de major ao Sr. capitão do 8º batalhão da mesma arma Luiz Gonzaga de Andrade e Almada, assim o fuço publico para conhecimento da guarda nacional sob meu commando, ordenando ao dito Sr. tenente-coronel Cunha Telles, que o mais breve possível tome o commando do batalhão, e ao Sr. capitão Antonio José Ferreira actual commandante interino que lhe faça entrega do dito commando logo que elle se apresente; agradecendo-lhe nesta occasião o bem que se portou durante o tempo que interinamente commandou, no que muito me satisfiz pelo zelo, intelligencia, com que soube manter a disciplina e a boa harmonia entre seus officiaes.

Outro sim faço publico que fallecerão no dia 23 de Junho do presente anno, o Sr. capitão do 1º batalhão da activa Estevão José Joaquim Pereira Guimarães, e o alferes do 2º da reserva Augusto Luiz da Motta, no dia 16 de Julho o Sr. coronel commandante do 1º batalhão Augusto José do Carvalho, e no dia 18 do mesmo mez o Sr. capitão reformado Manoel José Roza. — Assignado, *Manoel Antonio da Fonseca Costa*, commandante superior. — Conforino. — *Jose Joaquim Pereira*, ajudante de ordens interino.

### LOTERIA.

Resumo da extracção dos premios da 7ª loteria da Imperial Academia de Musica e Opera Nacional, em 5 de Setembro de 1861.

1 3078 . . . . .	20.000\$
1 3066 . . . . .	10.000\$
1 2560 . . . . .	4.000\$
1 2699 . . . . .	2.000\$
6 378-589-939-1103	1.000\$
3611-4461 . . . . .	2.000\$
20 69-714-789-1353	
1426-1684-1863-1922	
1960-2972-3162-3366	
3569-3921-4411-4711	
4967-5390-5636-5642	200\$
40 39-48-219-289	
369-374-812-838	
859-962-1128-1134	
1213-1533-1741-1762	
1998-2082-2179-2182	
2216-2262-2479-2700	
2704-2764-2872-2904	
3021-3262-3712-3666	
4037-4458-4903-5033	
5167-5457-5460-5750	100\$
130 . . . . .	40\$
1,800 . . . . .	20\$

### REPARTIÇÃO DA POLICIA

PARTIDA DO DIA 3 DE SETEMBRO DE 1861.

Forão presos á ordem das respectivas autoridades:

Na freguezia do Sacramento, 1º districto, Domingos de Lagos e José Joaquim; para averiguações.

Na de Santa Rita, 1º districto, Benedicto, crioulo, por desobediencia ao senhor e ferimento leve; Domingos, escravo, por embriaguez e ser encontrado fóra de horas.

Na de Sant'Anna, 1º districto, Antonio Manoel d'Almeida, Antonio Joaquim Ferreira e Manoel da Silveira, por vagabundos.

Na de Sant'Anna, 2º districto, a preta Felicidade, por insultos.

Na de Santo Antonio, o africano José, por injurias e desordem.

### PARTE COMMERCIAL.

PRAGA, 5 DE SETEMBRO DE 1861.

NOTAÇÕES OFFICIAES DA JUSTA DOS CORRETORES.

CAMBIO. — Londres, 24 3/4 a 90 d/r.

METAS. — Onças da Patria, 312200.

ACÇÕES. — Banco Rural e Hypothecario, 275 de premio.

D. Bruce, presidente.

A. J. de Campos Porto, secretario.

### MUNICIPIO DA CORTE.

Receita do mez de Setembro.

A alfandega rendeu hoje . . . 104:271\$838

Desde o 1º do mez . . . 220:606\$637

Total . . . . . 324:878\$475

A recebedoria rendeu hoje . . . 19:422\$988

Desde o 1º do mez . . . 40:436\$194

Total . . . . . 59:859\$182

### EXPORTAÇÃO.

EMBARCAÇÕES DESPACHADAS NO DIA 5 DE SETEMBRO DE 1861.

Montevideo — Barca amer. « Henriette » de 508 tons., consig. Phipps Irmãos e C.; segue com a mesma carga com que entrou.

Santa-Catharina — Sum. nac. « Nova Castro » de 113 tons., consigs. Nogueira e Irmão; manifestou varios generos.

Santos — Brig. nac. « Flor do Vouga » de 200 tons., consig. José Marques d'Almeida; manifestou varios generos.

A barca portugueza « Oliveira » despachada hontem para o Porto manifestou 518 saccos e 8 meias barricas de café, 119 barricas, 75 saccos e 43 caixas de assucar, 36 barricas de gomme, 37 meias ditas de tapioca, 19 couçouras e 93 pranchões de oleo e varias encomendas.

### MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADAS DO DIA 5 ATÉ AS 3 HORAS.

Campos — 18 hs., vap. nac. « Deligente »; passag. os Barões Carapheus e sua mulher, e de Gaupy, mais 30 passageiros e 33 escravos.

— 21 hs., vap. nac. « Hermes »; passag. 12 e 1 escravo.

Rio-Grande — 12 hs., pat. nac. « S. Januario »

Gibraltar — 49 ds., pat. hamb. « Abundroth »

Entrarão mais 2 barcas americanas, 2 ditas portuguezas, 1 gl.ora franceza, 1 brigue e 1 patacho portuguez.

A barra 1 brigue nacional, 2 patachos portuguezes, 2 barcas e 2 brigues.

### DECLARAÇÕES.

### DEVOÇÃO DA SENHORA DOS NAVIGANTES.

A devoção da Senhora dos Navigantes, creta na capella do arsenal de marinha da corte, pretende fazer á mesma Senhora toda a parte possível no dia 8 do corrente, sem pregarador ao evangelho o Revm. Sr. padre mestre Joaquim Ferreira da Cruz Belmonte, e ao *Te-Deum* o Revm. padre mestre José Herculano da Costa Brito, por isso a mesa administrativa convidou á todos os devotos para assistirem a estes actos.

### Extincta Empresa Lyrica.

Os Srs. accionistas da extincta empresa lyrica são convocados para se reunirem no salão do theatro lyrico, no dia 16 de Setembro, ao meio dia, Rio de Janeiro, 30 de Agosto do 1861. — *Manoel Hygino de Figueiredo*, presidente.

### ANNUNCIOS.

### Atenção.

ANTONIO Carlos de Araujo Bastos, morador na rua da Carioca n. 104, declara pelo presente que tem justo e contratado a compra de dous tilburys e quatro cavallos, com o Sr. Antonio José de Oliveira Vasconcellos, hoje conhecido por Antonio José Pereira e morador na rua da Conceição n. 42 A (Cachoeira); se alguma pessoa se julgar com direito aos mesmos, queira reclamar no prazo de tres dias a contar desta data, pois que findo elle não se attendera á reclamação alguma. — Rio de Janeiro 4 de Setembro de 1861. Antonio Carlos de Araujo Bastos.

### VINAGRE ESPECIAL.

Cada clima tem seus inconvenientes, que dão sempre lugar ao invento de um preservativo. Não ha cidade mais exposta aos nevoeiros, de miasmas tão perniciosos, e de atmosfera tão insalubre, como a cidade de Londres. As senhoras da alta sociedade recorrem a um vinagre especial, cujos effeitos são soberanos, para obstar á influencia d'essas causas prejudiciaes á saude. A perfumaria franceza acaba de se fornecer d'este util e precioso cosmetico. De hoje em diante podem as damas desatir impunemente o ar corrupto de uma sala de baile, de um theatro, ou de uma camara de doente. Este vinagre é empregado com bastante successo nos usos de toucador.

### MUDANÇA.

O desembargador Dr. J. J. Pacheco, mudou o seu escriptorio de advocacia para a rua da Quitanda n. 25.

### CHARUTOS DE HAVANA

DEPOSITO ESPECIAL

43 Rua do Rosario 43

SCHAEFFER E C.

EMILIO GUADAGNI,

mestre de canto e piano, propõe-se a dar lições por casas particulares, por ajuste e mez, ou por lições; tanto no centro da cidade, como nos seus arrabaldes.

O methodo por elle adoptado, é um dos mais facéis, e pelo qual dentro do pouco tempo se poderá conhecer o andamento das discipulas.

Pode ser procurado na rua do Ouvidor n. 101, ouzendo n. 103.

### ESPECIALIDADE DE PENTES DE TARTARUGA

Pentes de senhoras de todo modo e artigos de primeira qualidade e maludados na exposição e gravados com o nome de

D. SIBRELLIENS, fabricante, r. n. 13, em Paris.

### A OPINIÃO E A COROA.

Resposta de um fluminense áquelle folheto, vende-se na typographia do *Correio da Tarde*, rua Nova do Ouvidor n. 21; preço 500 rs.

### SEVERINA, cabelleireira,

participa a suas freguezas, que se acha na rua da Lapa do Desterro n. 49 e que continua a pontiar senhoras para casamentos, bailes, etc.; tambem recebe discipulas para lhas ensinar o mesmo officio.

### PARA O COMMERCIO

Antonio Herculano da Costa Brito, professor da lingua franceza, abriu um curso nocturno da mesma lingua na rua da Ajuda n. 55, 2º andar.

### PILULAS CAUVIN.

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIZ.

Estas pilulas vegetaes, são digestivas, crônicas, degurgativas, e é o mais commode e efficaz dos purgantes conhecidos.

Tomam-se no comer, e não requerem resguardo algum. Os medicos de todos os paizes recitam as pilulas de *Cauvin* contra as molestias seguintes, bilis, asthas, catharos, hastrites etc.

### JJIAS Imitado ORO E PRATA.

Variadas phantasias de perolas, contias, alifor de todo genero; coral, ambar, esmaltes, materias primas para a fabricação dos paizes estrangeiros.

J. CAPRA, fabricante, rua do Temple n. 163, em Paris.

### Consultorio ophthalmol - gico do Br. Jil.

O Dr. Araujo, primeiro-succesor do celebre Dr. Carron de Villards na direcção deste consultorio, previno aos doentes pobres, de que as consultas e operações tem lugar ás segundas, quartas e sextas-feiras, ás 1 hora, no hospital da Misericordia, entrada pelo Largo.

### MINIATURA - FLORES -

MME LALLEMAND

Admittida ás exposições do Louvre.

Tem a honra de annunciar ao publico brasileiro, que está prompta a satisfazer á todas as encomendas de queiros, que lhe sejam feitas.

Escrver-se á Mr. Vicperat, père, Passage Saullnier, n. 10, á Paris.

DEPOSITO EM CASA DOS SRS. DESMARAIS, RUA DO OUVIDOR N. 86, NO RIO DE JANEIRO

O Dr. Francisco Antonio Pereira Rocha, antigo advogado da capital da Bahia, presentemente com escriptorio nesta corte, á rua Direita n. 54, encerra-se especialmente de causas commerciaes e defezas ao jury.

# ROB LAFFECTEUR. OBSERVAÇÃO

dos Srs. Duret e Auroy, cirurgiões da marinha, do hospital de Brest, e Lebreton, cirurgião de Paris.

(As experiencias fizeram-se em Brest, por ordem do Sr. de Sarrines, então ministro da marinha; dezotto doentes foram tratados com o maior successo, e á custa dos socios Laffecteur.)

Uma simples *maladie syphilitique*, depois de ter resistido, durante muitos annos, a todos os tratamentos methoicos conhecidos, havia infectado a tal ponto a massa do sangue do doente, que f. objecto d'esta observação, que, tendo perdido, por uma ulceração a uma carie rebeldes, a maior parte do nariz, sua parolá, a interior porção dos ossos palataes, a posterior dos ossos maxillares; os joelhos, conjunctivamente com os principaes, formam a ab-ba-la palatina, a maior parte do osso da machilá rosta esquerda, traza ainda por symptomas *herpetico* e *incurables*.

Uma ulcera situada na parte média do frontal, se pollagada e melo de comprido o meio de largo, cujas bordas eram duras e elevadas, provindo de *caruere cancerosa*.

A segunda ulcera, do tamanho de um tostão, a mesma natureza, situada em cima da sobrancelha direita, em sua parte média;

Uma tenreira da mesma natureza em cima da face do rosto, comprida, de duas pollgadas sobre as linhas de largura, communicando com o nariz por uma abertura que deixava a perda do olfacto;

Uma quarta ulcera á borda do labio superior a lado esquerdo, comprida, de uma pollgada e longa da grossura de um dedo, com tu defecção consideravel;

Uma quinta ulcera de má natureza, na parte esquerda da barba, do tamanho de uma unha de seis dedos;

Uma sexta ulcera occupando quasi metade do exterior da orelha direita;

No corpo, muitos abcessos cheios de materia, grossos como avélas ou pustulas ordinarias.

O doente, além de fraquissimo, estava muito caído. Foi curado com o Arrobe Laffecteur.

O Arrobe cura as doenças dos negros.

Vm. pede me o meu parecer á cerca dos effectos do Arrobe antisyphilitico de Laffecteur. Para responder ás benéficas intencões de Vm., e facilitar um modo isento de toda parcialidade, copiei literalmente o que imprimi acerca do Arrobe, pagando a Vm. queira aceitar a minha obra, attendo a poder verificá-la pessoalmente.

Depois de ter fallado das diferentes remedios ao tratamento do Plan, digo na pagina 291: « Mas o remedio que tem melhor exito no caso em que se a perversão da lymphá, e onde as dores ostensivas e a vida do doente, é o Arrobe Laffecteur. Doentes desesperados, resistentes em diversas habitações, devem a vida a esse excellento remedio. D'esta natureza é a habitação do Sr. Belin, em S. Domingos, etc. »

Na mesma pagina: « Depois de eu voltar á Europa, vi d'istis doentes vindos de nossas colonias á França com existencias a profundas dores nos ossos, que tinham resistido á administração do mercurio, tanto em fricções, como no interior; e que (confusos e com tanta astuciação, quanto fraqueza), foram radicalmente curados com esse precioso remedio, etc. »

Os sauzerios offi do Arrobe pareceram-me ao superiores a outro qualquer remedio e tão admiraveis, que fallando das colubias piores, como *lygema*, onde Plan é mal vulgar, convidei o governo (pagina 265) a tratar com o cidadão Laffecteur, affim de dar a conhecer esta preciosa commissão.

Tratando de diferentes affecções venreas, prescribo igual testunhamo ao Arrobe. Elle é tambem o mais poderoso meio de combater os funestos effeitos do virus lèproso. (Veja-se a este respeito a pagina 334 da mesma obra.)

Novo tratamento, no quartel do regimento durante mais de um anno inteiro.

« Este tratamento continuando ante meus olhos, e por mim dirigido durante mais de um anno, foi totalmente bem successo.

« Foi então que o Sr. Mathis, coronel do regimento, me propoz o uso do Arrobe do Laffecteur para officiar Gêris, a qual, segundo uma recente experiencia de sua efficacia, não duvidou pôr em pratica. »

Novo tratamento. — Cura radical em 5 mezes, devida ao emprego de 12 garrafas de Arrobe. 10 de Dezembro de 1859.

« Comecei a administrar-lhe em 10 de Dezembro de 1859, o tratol-o segundo a indicação prescrita; mal acabara a quarta botella de Arrobe, quando, por um phenomeno admiravel, todos os symptomas, que se manifestaram tão desgracadamente na face, desapareceram, e a carie voltou a seu estado normal; e depois de sahida a garrafa, já nenhum se ligio restava d'essa cruel doença que, desde doza annos, atormentava tão perniciosamente o Sr. Gêris, a qual parecia ter-lhe gravado no rosto a marca indelivel do tão vergonhoso contagio.

« Gueis, em 12 garrafas de Arrobe. Desde 13 do Abril de 1861, época na qual o Sr. Gêris cessou de tomar o Arrobe; nenhum vestigio de molestia se manifestou mais: esse militar reconhecendo seu serviço, e vive com sua camaraça, seu observador ogimen: do que é ao achado radicalmente curado.

O coronel, commandante do regimento, certifica que os factos acima declarados, são verdadeiros, e que se lhes deve dar inteiro credito.

Breizers, 1º de Janeiro 1862. — MATHIS

O cirurgião-mór do 8º de dragões, GUILLEMART, D. M.

« O ferrel Gêris doente, que os factos, acima referidos, são verdadeiros, e que elle se acha permanentemente curado com o remedio Arrobe ao Laffecteur. — GÊRIS.

« Alguns dos medicos que prescrevem o Arrobe de Laffecteur, nos casos graves, excluem outro qualquer.

« Senhor. — Não tendo eu habido do Arrobe antisyphilitico tomado á outra parte, como em casa do Vm., os meos offiços que do Arrobe que Vm. ordenou, assento devesse prescribo a seu, e logo lha mandei d'ello a mesma officina, que lhe ontrogar esse officio. De favor todas as rasões que se porem á favor do Arrobe, e pela interesse que ella inspira ao Sr. Dr. Cayol, redactor e propalador da *Revista Medica*.

Tratado a honra de ser, etc. — Assignado RECAHER, medico dos hospitaes de Paris, etc.

Paris, 27 de Outubro de 1843.

O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos, commissarios nomeados pela authoridade.

« O Arrobe antisyphilitico de Laffecteur não é um producto da natureza: elle não existe pois feito, amo, por exemplo, as diversas agues mineraes, que, tomadas em suas fontes e engarrafadas, são expeditas a todas as partes.

« O Arrobe de Laffecteur é uma preparação pharmaceutica composta de um grande numero de substancias exoticas e indigenas. — Cura a lèprosa e esse remedio (como o regimen prescripto) ás mais graves e incuráveis molestias. — Elle só foi applicado a autorisação de publicas experiencias de mais de doza annos de 1778 1779 1780 ante os meliores e os chusticos,

**GRANDE FABRICA E ARMAZENS DE ASSEIOS.**  
 RUE DE LA SERRAIE, 101, PARIS.  
 DASTILLE Boulevard Beaumarchais n. 4 LANTIERE  
**A PARIS.**  
 MAISON POISSARD, AINE. — VERGNOT E C.  
 SUCCESSORES.  
 Grandes officinas e armazens, Rue  
 Amelot n. 6.

**A GRANARA**  
**HOTEL DE L'EUROPE**  
**N. 46.**  
 LIGIER-PLAGE, LIGIER-SQUARE  
 Malles de Portugal, francezes, italia-  
 nizes aliadas e itaizios.

**JOIAS BOURNADAS DE FANTAZIA.**  
 Especialidade para ornatos de altars e  
 de estatuas de igreja, como coroados, co-  
 rcaes, etc., etc.  
 TOUCHER, fabricante, Rue Montmorency n.  
 18, em Paris.

**GRANDE SORTEMENTO DE MOVEIS.**  
 CASA MERCIER — MERCIER, FILHO MAIS VELHO  
 SUCCESSOR.  
 TAUPON, ST. ANTOINE, N. 100, A PARIS.  
 Tendo obtido medalhas em todas as ex-  
 posições.

**FABRICA DE CANHAMAGOS**  
 e tapetarias de agulha.  
 Las fiadas para moedores, bordados e  
 rendas de agulha.

**ROTEAU, Boulevard Sebastien-**  
**opol, n. 22, em Paris.**

**ESPELHOS**  
**DE TODAS AS MANUFACTURAS.**  
 Molduras esculpidas de toda classe; espe-  
 lhos de Veneca e de fantazia. Douraduras,  
 matagões madeiras naturais. Obras de  
 arte, e gravaduras sobre oystal.

**Casa abonada.**  
 MAUGIN LESUB, fabricante, Boulevard  
 Beaumarchais, n. 105, a Paris.

**AVISO**  
**AOB SRS. PHARMACUTICAS.**  
 E' por engano que appareceu uma nota  
 adiciando que se podia obter o *Rob de Laf-*  
*acter*, pedindo o directamento ao Dr. Gi-  
 raudou de S. Germain.  
 Todas as encomendas devem ser diri-  
 gidas aos Srs. Custodio de Souza Pinto e Fi-  
 lhos, agentes geraes, e unicos autorisados  
 para todo o imperio do Brasil.  
 Paris, 9 de Janeiro de 1859.

**GRANDEAU DE ST. GERVAIS,**  
 proprietario do *Rob de Lafacter*

**FUNDICAO DE LETRAS DE IMPRESS.**  
 MAISON GUYE, Erres e G. Rue de Senaes  
 n. 10, em Paris.

**ADQUIREDORES DA CASA DE MARCELLIN**  
**LEGRAND E C.**

Especialidade de letras de imprensa, para  
 os grandes jornaes, e trabalhos de materia ex-  
 tra-dura, dita ferroa.

**JOIAS DE FANTAZIA**  
 De bronze dourado, cofrosinhos e moveis  
 para joias.  
 Especialidade de bionhos, quadros para  
 cartas de visita e retratos.  
 Artigos de escolha primorosa e de primeira qualidade.

**FABRICA DE JOIAS BOURNADAS**  
**de todas as Gêneras.**  
 Collares, pulseiras, brachos, pinjetos,  
 argolinhas, coroados, cruces, corcaes, etc.  
 Imitação de pedras preciosas, as perolas  
 e as imitadas.

**FABRICA**  
 especial de cadetras de palhinha,  
 De todo modo, lacadas, douradas, genu-  
 fluxorios, etc.

**FABRICA DE PIANOS,**  
 PATENTEADAS S. G. D. G.  
 Pianos verticaes e meio obliquos com es-  
 quamento de segurança infallivel para o  
 andamento.  
 Fabricação especial para a exportação  
**CASA ACREDITADA.**  
 ANDREUSCHID — EVERHARD. — Rua de  
 Faubourg Saint Denis, n. 107, a Paris.

**XAROPE**

**40 RUA DO**



**Unguento de Holloway.**

Este unguento prodigioso cura todas as feridas e  
 necrosas mais perigosas, doenas do pernas, peito,  
 bicos dos pees, garganta, nigos ou zongas, pian-  
 lepra africana, escrophulas, dor de pedra, canceres  
 doerlos, haimorrhoidas, tumores, inchacoes de  
 articulacao, herpes, queimaduras, escaldaduras,  
 zetas nas maos, rheumatismo, picaduras do mos-  
 quito e de moscas d'arco, e quasi todas as de mais  
 enfermidades externas; vende-se na rua do Hos-  
 picio n. 40.

**Agua de uod.**

Este remedio e para promover a belleza e vigor  
 do cabello, removendo a caspa e conservando  
 aquillo moio e lustro da pelle e cabello, que só  
 pode ser adquirido tendo-se a pelle favela e os po-  
 res pelas razas do cabello sempre abertas á sua  
 seccao salutar. Nada contém que possa prejudicar a  
 pelle ou cabello.

**Agua de perolas.**

Este remedio celebre e innocuo cosmetico para  
 tecar sardas, rugas, etc., e para embellezar o ro-  
 sto, foi por muito tempo conhecido só do poucos  
 pessoas nos Estados Unidos; porém sua grande  
 utilidade tornou a o cosmetico mais popular que se  
 usa nos toilettes de mo lornas.

**Agua para os olhos.**

Este remedio tem grande merecimento para as  
 pessoas que soffem frequencia nos olhos; remove as  
 larmas, suaviza e livra por um uso repetido toda a  
 qualidade de inflammação. Dureza e tempo que  
 se esta em uso d'esta agua não e necessario manter  
 o olho na sombra nem no exercicio, e seus effeitos  
 beneficios são certos e seguros.

**Emplastos do Sr. Sherman para**  
**hemorrhoides e hemorroids.**

Os melhores emplastos do mundo para fortifi-  
 car, e um dos melhores remedios para dores de  
 fratura de costas, dos rins, lombo, peito, garganta,  
 pernas, e principalmente no corpo, e bom para  
 rheumatismo, etc., etc. Um milhão d'ellos são só  
 bastantes para os que frequencia.

**Emplastro para a cabeça.**

Este simples remedio, de facil applicação, re-  
 move os pees callos, que duros, que molles-  
 com dous ou tres applicações, conforme as dire-  
 ções.

**Pilulas do Dr. Snells.**

Estas pilulas são puramente vegetaes e justa-  
 mente celebres por causa da sua virtude purgati-  
 va. Podem ser tomadas em todas as épocas, e são  
 recommendadas particularmente ás pessoas que  
 soffem indigestão.

**Pilulas para curar lombrigas**

Ha mais de 40,000, casos nos quaes se provam  
 serem indubitaveis e a unica medicina descoberta  
 que mata seguramente as lombrigas. Muitas en-  
 fermidades são causadas destes vermes e grandes  
 perdas de tempo e de vida. Muitas vezes pa-  
 de quem de lombrigas pessoas do idade avancada; e  
 se lhes applicam remedios sem proveito, julgando-  
 que são outras doenas; se comessam uma pe-  
 quena dose destas pilulas depressa metho-  
 dicamente.

**Pasta para dentes, composta do**  
**lyro Florentino**

E' o melhor artigo que se conhece para limpar  
 e branquear os dentes, purificar as gengivas  
 etc. Deven-se servir d'ella todas as noites com uma  
 escova rija e a bocca não precisará mais senão do  
 manha uma pequena lavagem.

**Assucar candi de essencia de**  
**mar rolo.**

Este suavo expectorante e o mais seguro e a  
 cura mais simp e para inflammações de garganta  
 e tosse, precedida de constipação, a qual, se se  
 desprezar, muitas vezes se torna seriosa e algumas  
 fataes. Opera de um modo suave sobre as membra-  
 nas irritadas da garganta e intestinos, e as suas  
 tendencias expectorantes removem os desagrade-  
 velles effeitos produzidos por constipações.

Todos estes medicamentos vendem-se na rua do Hospicio n. 40, onde se encontra um grande e completo sortimento de drogas  
 e pharmaceuticas; recebendo-se directamente de Londres, França, Hamburgo, Lisboa e Estados-Unidos; ven-  
 dem-se em porção e a varejo.

**XAROPE DO BOSQUE**



**DO BOSQUE**

**HOSPICIO 40**



**Pilulas de Holloway.**

Este remedio e de prodigiosa virtude e efficacia  
 para qualquer das enfermidades seguintes:

- |                   |                                       |
|-------------------|---------------------------------------|
| Artes (mal do)    | Garganta (dores do)                   |
| Astma             | Gla                                   |
| Colicras          | Hemorrhoides                          |
| Colicras (dor do) | Hydropsia                             |
| Convulsões        | Indigestões                           |
| Debilitades       | Inflammações de qual-<br>quer especie |
| Desmaios          | Ictericia                             |
| Dores de cabeça   | Lombrigas                             |
| — do pedra        | Malhas e empoles                      |
| — de ventre       | Menstruação atrasada                  |
| Dureza de ventre  | — suspensa, irregular                 |
| Dysuria           | Rheumatismo                           |
| Dysuria           | Rins (mal do)                         |
| Erysipela         | Scrophulas                            |
| Febre biliosa     | Symptomas secundarios                 |
| — obstru.         | Tic-doloroso                          |
| — infallibilis    | Tumores                               |
| — (doença do)     | Ulceraes                              |
|                   | Venerico (mal)                        |
|                   | Vericosos.                            |

**Pilulas purgativas da vida de**  
**Thomas Parr.**

Estas pilulas, tão conhecidas do publico, tendo  
 uma acção admiravel pelas suas curas e  
 pela razão de não admitir o mais pequeno res-  
 guardo; são empregadas nas indigestões e hydro-  
 pesia, adstringencia no ventre, flatulencia, doen-  
 ças nervosas, doenas do ligado, ictericia, tosse,  
 constipação, astmas, erysipelas e doenas pro-  
 prias do sexo feminino.

Todos os viajantes de mar e terra, nenhum deve  
 achar-se sem alguma porção d'este medicamento  
 tão prodigioso e tão proprio para os seus pees, em  
 razão de não admitir o mais pequeno resguardo,  
 dia ou noite de qualquer natureza, podendo to-  
 mar-se a toda a hora em que o homem se acha em  
 estado de fazer uso d'ello. As dores de cabeça,  
 cruces do estomago, falta de appetito, afflicções  
 do espirito, cansaço e outros incommodos que tan-  
 tas vezes perturbam o viajante e obtam as suas  
 desejadas digressões, são mais facilmente combati-  
 dos por este medicamento tão simples e efficaz.

Não são unicamente as suas virtudes para o com-  
 pleto restabelecimento de todas as doenas que se  
 acham escriptas que o tornam recommendavel, e  
 tambem a grande vantagem da sua perfeita con-  
 servação, podendo ser levado a qualquer parte do  
 mundo, e sem que sofra em suas virtudes a menor  
 alteração, e sem ser preciso para o seu uso con-  
 sultar facultativo ou pessoa alguma pertencente á  
 classe medica; pois suas virtudes já são reconhecidas  
 em toda a Inglaterra e suas colonias, offere-  
 com as provas mais certas dos bons e felizes resul-  
 tados de sua applicação.

N. B. C. N. H. BUTLER & COMP. tem escolhido  
 como principaes agentes para o imperio do Brasil  
 a VERTH BRAVO & COMP., assim de unicamente pode-  
 rem vender suas pilulas de todas as doenas que se  
 acham em drogas na rua da Madre de Deus n. 1,  
 em Pernambuco, e autorisando-os para poderem  
 escolher uma pessoa de sua confiança em cada  
 provincia para a venda das ditas pilulas, sendo 19  
 o preço de cada caixa, que contém 25.

**CAUTELA.**

Vendendo algumas pilulas com um nome seme-  
 lhante, previno so que as verdadeiras são em caixas  
 azues, levando na tampa o retrato do autor  
 THOMAS PARR, e no fundo um loteiro em letras  
 azues e encarnadas, uma tira vermelha enrolada na  
 caixa com letras pretas, diz: «Pilulas da vida se-  
 gundo a receita de seu autor Parr.» O unico de-  
 positio no Rio de Janeiro e na rua do Hospicio  
 n. 40.

**Para dor de dentes.**

Goias egypcias. O reme lio popular mais conhe-  
 cido entre os dentistas americanos para a breve  
 e segura cura de dentes. Garante so a sua effica-  
 cia.

**Pastilhas digestivas.**

Estas pastilhas devem-se tomar meia hora antes  
 de jantar para produzir appetito e promover a di-  
 gestão. O uso d'este reme lio livra de muitas mol-  
 estias chronicas do estomago e intestinos.

**Pastilhas de pimenta.**

Em poucas horas curam as reuquidões e apere-  
 tos do gargalo, por muito antigos que sejam.

**Pastilhas tónicas.**

Ha muitas pessoas que no verão são muito ataca-  
 das de diarrhea ou sultura do ventre, estas pilulas  
 lhes servem muito utilis, pois são preparadas  
 para este effeito; as pessoas que as quiserem usar  
 verão o grande beneficio que lhes causarão. As  
 pessoas que padecem de sultura do ventre nunca  
 deverão estar sem ellas em casa, por ser remedio  
 infallivel.

De todos os remedios que se com descoberto para a cura da tísica nos seus pri-  
 moirs grãos, e até em muitos casos do antigas molestias pulmonares, nenhum tem  
 adquirido pelos seus bons resultados tanta e tão bom merecida popularidade como o  
 —Xarope do bosque— do Dr. Mottis. Um relatorio completo e directões que accom-  
 panham cada garrafa, podem sempre ver-se no n. 40, rua do Hospicio.

Os proprietarios do —Xarope do bosque— offerecem ao publico o seu medicamento  
 como um remedio para defluxões, tosse, tísica, asthma, hemorragia de sangue,  
 pontadas, dores de peito, palpitação, coqueluche, bronchite, dispesia e molestias do  
 ligado. Ha mais de 14 annos que elle e conhecido no Brasil, e durante esse periodo  
 poucas pessoas haverão que o não tenham empregado sem achar allivio. Tem pro-  
 vado a sua efficacia em casos em que todos os outros remedios haviam fallhado, e os  
 proprietarios creem conscienciosamente pelos resultados obtidos, ser esse, o melhor  
 remedio que se tem descoberto para semelhantes molestias.

Quasi todas as pessoas que delle tem feito uso com perseverança tem sentido a sua  
 influencia salutar, e, continuando a empregal-o, tem obtido uma cura radical. A razão  
 e obvia, visto que o —Xarope do bosque— é composto segundo os principios da sã  
 philosophia medica, visto que elle tem supportado a experiencia de muitos annos,  
 e que muitos melicos que estavam prevenidos contra o uso deste grande remedio tem  
 perdido os seus preconceitos ao presenciarem os seus triumphantes resultados, e  
 agora o empregam na sua clinica.

Os elementos de que se compõe este xarope são hervas e raizes, cujas pro-  
 priedades medicinas purificam o sangue, vigoram o systema, e reforçam os pul-  
 moes e orgaos digestivos. A sua influencia sobre o systema e suave porém efficaz;  
 desembaraça o phlegma, que, sendo retido, cria tantos incommodos; allivia a tosse;  
 ajuda a natureza a expellir do systema, por meio da expectoração, toda a materia  
 morbida que dá origem á tísica; faz amadurecer a materia nos abcessos e tu-  
 berculos, e promove depois a sua expulsão do systema, acalmado ao mesmo  
 tempo as partes irritadas, sarando as lacerações; regula o ventre sem carregar de  
 auxilio de purgantes, e faz desaparecer a tosse a mais incommoda sem offendêr  
 o systema, como acontece com todos os medicamentos, por não conter mercurio,  
 opio, nem droga alguma nociva; em uma palavra, pôde ser emphaticamente de-  
 nominado o *Antio* nos riscos, porquanto, toda a vez que e empregado, pro-  
 duz invariavelmente os resultados os mais felizes do que outro qualquer remedio,  
 acalmado os padecimentos do enfermo e restabelecendo, na maior parte dos casos,  
 graças ás suas propriedades salutaris, a saúde do doente.

Todo o mundo sabe que a tísica e uma molestia assustadora. Principia e  
 progredie tão insidiosamente, que, quando menos se pensa, o pulmão não e mais  
 do que uma massa de ulceras; então uma exposição subita, ou a mudança do ca-  
 lor para o frio, produz uma inflammação, e dentro de poucos dias ou semanas diz-se  
 que a pessoa morreu de uma rapida consumpção, quando na realidade a molestia  
 da ha annos ia produzindo os seus estragos no pulmão; e por falta do conheci-  
 mento dos symptomas da tísica, que poderiam ter feito descobrir a molestia, só  
 vem a saber-se della quando a cura não e mais possivel.

Por causa de repetidos pedidos os proprietarios do afamado —Xarope do bos-  
 que— resolveram vender o mesmo tambem em meias garrafas. Como muitas  
 pessoas (principalmente as que residem no campo) desejam conhecer os prodigiosos  
 effeitos que produz no doente antes de comprarem uma garrafa inteira, e em  
 casos de ligeiras constipações (que sempre se devem vigiar cuidadosamente), pois,  
 com em muitos destes casos nem sempre se gasta uma garrafa.

**GARRAFA INTEIRA 50000 | MEIA GARRAFA 30000**  
 Algumas pessoas sem sentimentos (bem conhecidas dos donos) tem ultima-  
 mente offerecido (nesta cidade) um artigo falsificado que e facil de conhecer-se.  
 O —Xarope do bosque— falsificado tem a assignatura lithographada de R. C. Yates  
 e Comp., e o verdadeiro e assignado á mão por proceuração de R. C. Yates e Comp.,  
 Henry Prins.

**Pilulas vegetaes,**  
**DO DR. BRANDRETH.**

Este valioso remedio ha muito que e conhecido  
 e delle se faz uso na Europa e nos Estados Un-  
 dos, onde e recommendado pelos melicos como  
 medicamento familiar de grande proveito. E' pur-  
 amente vegetal e pôde ser tomado sem risco  
 por crianças e pessoas melicos. Suas effeitos  
 purgativos restabelecem o furtillim sempre toda  
 a debilitação dos orgaos da digestão; e o me-  
 lhor remedio para purificar e fortalecer o sys-  
 tema.

**Tinta solar.**

Esta tinta de marcar usa-se com qualquer pro-  
 paração previa para roupa, etc., sobre a qual se  
 deve escrever. Depois de se ter usado como tinta  
 ordinaria, exige unicamente que se ponha ao sol  
 por uma hora para produzir um preto duravel,  
 que será permanente.

**Vermifago de Fahnstok's.**

E' um dos mais poderosos remedios contra as  
 lombrigas, basta tres pequenas doses para se obter  
 a completa expulsão dos vermes; pôde ser dor ás  
 crianças de todas as idades, cada vidrinho accompa-  
 nha o modo de se empregar este vermifago.

**Assucar candi de essencia de**  
**mar rolo.**

Este suavo expectorante e o mais seguro e a  
 cura mais simp e para inflammações de garganta  
 e tosse, precedida de constipação, a qual, se se  
 desprezar, muitas vezes se torna seriosa e algumas  
 fataes. Opera de um modo suave sobre as membra-  
 nas irritadas da garganta e intestinos, e as suas  
 tendencias expectorantes removem os desagrade-  
 velles effeitos produzidos por constipações.

**Para dor de dentes.**

Goias egypcias. O reme lio popular mais conhe-  
 cido entre os dentistas americanos para a breve  
 e segura cura de dentes. Garante so a sua effica-  
 cia.

**Pastilhas digestivas.**

Estas pastilhas devem-se tomar meia hora antes  
 de jantar para produzir appetito e promover a di-  
 gestão. O uso d'este reme lio livra de muitas mol-  
 estias chronicas do estomago e intestinos.

**Pastilhas de pimenta.**

Em poucas horas curam as reuquidões e apere-  
 tos do gargalo, por muito antigos que sejam.

**Pastilhas tónicas.**

Ha muitas pessoas que no verão são muito ataca-  
 das de diarrhea ou sultura do ventre, estas pilulas  
 lhes servem muito utilis, pois são preparadas  
 para este effeito; as pessoas que as quiserem usar  
 verão o grande beneficio que lhes causarão. As  
 pessoas que padecem de sultura do ventre nunca  
 deverão estar sem ellas em casa, por ser remedio  
 infallivel.

**AGENTES PARA O XAROPE DO BOSQUE.**  
**INTERIOR E EXTERIOR.**

- Pontalvada. — José Ventura Garciaecheira, rua Sannadi n. 208.
- Paraná-Ayres. — Bishop e Comp.
- Paraná (S. Luiz). — Francisco Pereira da Silva Neynes.
- Recife. — A. Carlo.
- Rio de Janeiro. — Antonio Teixeira Pinheiros.
- Forto Alegre. — Antonio Vicente Porto.
- Recife (prov. de São Grande). — José Antonio de Araújo Lima.
- Jaquarã (provincia do Rio Grande). — Manoel Alves Gonçalves
- Esauas.
- Santa Catharina. — Estanislão Antonio da Conceição.
- Laguna. — Americo Antonio da Costa.
- Porto das Caixas. — Porto e Thico.
- Nitcheoy. — João Antonio Torres, rua da Conceição n. 1.
- S. Paulo. — Henrique Fex.

**VENDE-SE EM CASA DO PROPRIETARIO, RUA DO HOSPICIO N. 40**  
**FRANCISCO J. ANTONIO.**

**CAFETEIRAS DE PARIS.**  
**NOVOS MOLDES.**  
 Os Srs. MOLLARD & C., commissarios  
 de mercadorias, rua Favert n. 4, em Paris,  
 se encaregam de toda especie de copias  
 pelo preço da fabrica justificando pelas factu-  
 ras dos fabricantes, sobre as quaes elles  
 não tiram anticipadamente senão 5 %.

Mandem uma carta de provincia, ou en-  
 viem a pagar a casa em Paris encarro-  
 gada de pagar o restante.

**MANUFACTURA DE OURIVESARIA.**  
 Especialidade de candelabros e esfigas,  
 apparelhos de mesa, apparelhos de aplo-  
 para caté, tudo de escolha primorosa.  
**DUPRE** fabricante, rua Saint Mar-  
 tin n. 220, em Paris.

**MOBILIAS MODERNAS**  
 DE  
**JACARANDA, CAJU E OUTRAS MADEIRAS**  
 HENRI UNGLER, fabricante, Faubourg  
 Saint Antoine n. 85, a Paris

**Joias de tartaruga.**  
 PENTES PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS.  
**JACOBI**, rue Saint Martin n. 192, em Paris

**MOBILIAS**  
**Ao modo boule**  
 Pão-rosa, ebano, mosaico, etc., de fan-  
 tazia e varios estylos.

**FRANCOIS JUNIOR**, fabricante, rue de  
 Saint-Martin n. 271, a Paris.

**FABRICA**  
**ARMAZEM DE MARCENARIA.**  
 Tendo obtido 2 medalhas de prata e 1 de bronze.  
**MOVEIS DE TODOS OS STYLOS:**  
 Grandes e pequenos, modo Boule, madeira, pie-rosa  
 jacarandá etc.  
**CASA RIMLIN.**  
 BRUXER, 4 aine, successor, rue Vendôme  
 n. 7, em Paris.

**PRATA LAVRADA E OURVESARIA.**  
**APARELHOS DE MESA COMPLETOS E DE TODOS**  
**OS MOLDES.**  
**CASA RECOMMENDAVEL.**  
**PERRAULT**, Aine, Rue des Marais Sain  
 Martin n. 48, a Paris.

**Lampadas moderador e ditas longiferas.**  
**PATENTEADAS S. G. DE G.**  
 A lampada moderador e muito superior pela belleza  
 do sua luz, a simplicidade do seu mechanismo e a be-  
 riedade do seu preço. O mesmo se diz do acete todas as  
 1 e 6 horas. A lampada dita longifera offerece a este in-  
 conveniente gravissimo; pois que anta 12 a 14 horas,  
 sem ser preciso dar-se-lhe aceto, e o seu emprego e  
 indispensavel para os grandes salões e salas.

**A CHA-SE NA FABRICA**  
 A lampada moderador ordinaria, correntes do sus-  
 pensão para salas de jantar e galerias; instra - phaca  
 suspensão de vidrucas, trepcaes, pavios, avilambu-  
 ras, etc., etc.  
**DURAKO E C.**  
**RUE HARLAY AU MARAIS, N. 6**  
 BOULEVARD BEAU-MARCHAIS N. 95, EM PARIS

**XAROPE**

**PASTA DE CODEINA DE BRETHE.**  
 As propriedades notaveis do XAROPE O A  
 PASTA DE CODEINA tem sido propaladas  
 pelas subias experiencias clinicas e compa-  
 rativas de MANGENIE, BARRIER d'Amiens,  
 WILLIAMS GREGORY, MARTIN-SOLON e C.,  
 membros do instituto de França, da aca-  
 demia de medicina e melicos dos hospitaes  
 de Paris.

As experiencias confirmadas pelas recen-  
 tes observações dos Srs. ARAU, VIGIA C.  
 DUMONT, professores da facultade de mé-  
 dicina de Paris, melicos dos hospitaes de  
 Paris, etc., etc., tem demonstrado que o  
 XAROPE A PASTA DE CODEINA DE BRETHE  
 são os remedios mais efficazes para todas as  
 dores nervosas, agudas, e ás vezes tão ro-  
 beldes; e que affrouxa, e com a rapidez  
 maravilhosa, os accessos consecutivos, e  
 que tanto causam, do *catarrho*, da *tosse con-*  
*cusiva da bronchite*, e da *phthisica pulmo-*  
*nar*.

O XAROPE E A PASTA DE CODEINA DE BRE-  
 THE encontram-se em todas as pharmacia-  
 de França e do estrangeiro.

Para evitar a falsificação deve-se exigir  
 em cada vidro a assignatura e o nome —  
 BRETHE.

Dirigir os pedidos em grosso, á casa  
**MULLER E COMP.**  
**37, rue Saint Croix de la Bretonnerie,**  
**PARIS.**

**CLIQUE.**  
**ORGÃOS E PIANOS**  
**N. 632.**  
**ANTIGA CASA LAGROIX**  
**THIERRE SUCCESSOR**  
 RUA DE SAINT-MARTIN N. 285,  
**A PARIS.**

**FABRICA**  
**E ARMAZEM DE MOVEIS.**  
 Modos Boule, pão-rosa, mosaico.  
 Artigos de phantazia de todo o modo.  
**Schindler**, rue Saint Antoine  
 n. 195, a Paris.

**FABRICA DE PENTES DE TARTARUGA**